



FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Maria Clara de Oliveira Tavares

2º Ciclo de Estudos em Filosofia

Ramo: Ética e Filosofia Política

**A Origem e a Dialética da “ Dinâmica Existencial”
em Teixeira de Pascoaes**

Porto 2012

*Dissertação submetida á Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de
Mestre em Filosofia: Ramo Ética e Filosofia Política*

Sob a orientação da Professora Doutora Maria Celeste Natário

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Celeste Natário.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo mostrar a origem e a dimensão dialética do conceito de “Dinâmica existencial” patente na obra de Teixeira de Pascoaes, muito em particular na última biografia romanceada que escreveu, em 1944, dedicada a *Santo Agostinho*. Nesta inovadora e irreverente meditação (auto)biográfica sobre o santo filósofo e bispo de Hipona – também ele uma voz divergente dos cânones católicos – Pascoaes revela a sua verdadeira faceta de “poeta-carrasco”. Ao reinventar os vocábulos *ateotéismo e ateotéistas*, demarca-se das teologias clássicas e seus dogmas inadequados à “evolução dos tempos”. O ateotéismo divino e humano irá assumir uma dimensão dialética e ética que não se esgota no contexto da teologia pascoalina. É no registo meta-religioso e predominantemente filosófico-poético que reside a sua verdadeira significação ético-onto-gnosiológica.

Numa primeira parte a tese revisita, de forma breve, a trajetória intelectual do “primeiro” ao “segundo” Pascoaes, o seu diálogo (incontornável) com os meios científicos e intelectuais da época (a “inteligência intuitiva”, a psicologia e o panteísmo saudosista, a filosofia e a ciência). Na segunda parte, mostramos como os temas pascoaesianos associados à dinâmica existencial - apesar de se prestarem a uma linguagem cuja intenção recriadora e simbólica parece tomar, por vezes, uma forma obscura ou equívoca - vão ser reinterpretados no livro da sua última maturidade, *Santo Agostinho*, no intuito de estabelecer pontes entre a metafísica e a física.

A irreverência do seu modelo (auto)biográfico permite-nos ver: por um lado, como o poeta fundamenta a reflexão da faticidade do Eu concreto numa conceção da existência humana mais abrangente e integrativa; por outro lado, como os fenómenos paradoxais que se observam na natureza e no homem, resultam da origem da própria dinâmica existencial. Pascoaes insiste na ideia de um macrocosmo que deriva daquilo a que chama *segunda Origem*, a partir da qual se expande, imprimindo a toda a atividade universal as leis básicas que presidiram ao seu início. A partir desta, a Existência transita entre um Princípio e um Fim e a indefinição e a coabitação de oposições revela-se atributo criador. A tese mostra claramente, na segunda e terceira partes, que as três dimensões (gnosiológica, ética e religiosa) da reflexão do fenómeno teísta e ateuísta permitem estabelecer uma aproximação ao neoplatonismo, quer em Pascoaes, quer em

Santo Agostinho; mas, sobretudo, mostra que o Ateotéismo de Pascoaes é o visionar de um futuro religioso em que a ideia de Divino se apresenta fiel à *dialética da dinâmica existencial* tal como a interpreta.

Palavras – chave : Dinâmica Existencial, Poesia, Super-Biologia, Panteísmo Saudosista, Ateotéismo, Aritmética metafísica, Cosmos, Origem, Existência, Homem Universal, Adâmico, Inteligência, Excedência, Contradição, Incerteza, Intuição, Nada, Amorfo, Mal - benéfico, Bem - maléfico.

ABSTRACT

This study aims at showing the origin and the dialectical dimension of the concept of “existential Dynamics” which can be seen in the work of Teixeira de Pascoaes, specifically in the last novelized biography which he wrote in 1944 and dedicated to Saint Augustine (*Santo Agostinho*). In this innovative and irreverent (auto)biographical meditation about the saint-philosopher and bishop of Hippone – he himself a divergent voice from the catholic canons – Pascoaes reveals himself as what is called an “executioner-poet”.

By reinventing the words *atheotism* and *atheotists*, he diverges from the classical theologies and their dogmas, which are unsuitable for the “evolution of times”. The divine and human atheotism will acquire a dialectical and ethical dimension which go beyond the context of the pascoaline theology. It is in the metareligious and predominantly poetical-philosophical register that his true ethical-onto-gnosiologic significance lies.

In a first part the thesis briefly revisits the intellectual trajectory from the “first” to the “second” Pascoaes, his (unavoidable) dialogue with the scientific and intellectual means of the time (“intuitive intelligence”, psychology and the nostalgic pantheism, philosophy and science). In the second part we show how Pascoaes’s themes associated with the existential dynamics – even though they tend to fall on a type of language whose recreating and symbolic intention can sometimes assume an obscure, equivocal form – will be reinterpreted in the book of his last maturity, *Santo Agostinho*, with the intention of establishing bridges between metaphysics and physics.

The irreverence of his (auto)biographical model allows us to see, on the one hand, how the poet substantiates the reflection on the facticity of the concrete Self from the standpoint of a broader, more inclusive conception of the human existence and, on the other hand, how the contradictory, paradoxical phenomena which can be observed in nature and in the man, result from the origin of the existential dynamics itself. Pascoaes insists on the idea of a macrocosmos which derives from an imaginary point (from

which it expands, imprinting on all universal activity the basic law which presided to its beginning) which he names *second Origin*. From it, Existence balances between a Beginning and an End and the lack of definition and the cohabiting of oppositions are creating attributes. In the second and third parts the thesis clearly shows the three dimensions (gnosologic, ethical and religious) of the reflection of the theist and atheist phenomenon in Pascoaes and, above all, how Atheism represents the foretelling of a religious future in which the idea of the Divine is faithful to the existential dialectics as it interprets it.

Índice

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| PARTE I..... | 12 |
| O PRIMEIRO PASCOAES | 13 |
| 1. BREVE OLHAR SOBRE O PANTEÍSMO PERCURSOR DE TEIXEIRA DE PASCOAES | 16 |
| 2. PROPOSTA MATERIALISTA DE MIGUEL BOMBARDA NO CAMPO DA PSICOLOGIA | 19 |
| 3. O PSIQUISMO EM PASCOAES | 20 |
| 4. O PANTEÍSMO SAUDOSISTA | 24 |
| 5. DEUS – MESMO E DEUS - OUTROS..... | 27 |
| 6. POESIA FILOSOFIA E CIÊNCIA | 29 |
| PARTE II | 35 |
| O LIVRO SANTO AGOSTINHO..... | 36 |
| 1. COSMOGONIA | 38 |
| 1.1. EXISTÊNCIA: ENTRE O SUBNATURAL E O SOBRENATURAL..... | 41 |
| 2. ANTROPOLOGIA..... | 44 |
| 2.1. HISTÓRIA NATURAL E HUMANA: EVOLUÇÃO DE INSTINTOS PARA IDEIAS..... | 47 |
| 3. GNOSIOLOGIA | 49 |
| 3.1. EXCEDÊNCIA, INCERTEZA E CONTRADIÇÃO..... | 51 |
| 4. RELIGIÃO E ÉTICA | 54 |
| 5. PASCOAES E SANTO AGOSTINHO | 62 |
| CONCLUSÃO | 69 |
| BIBLIOGRAFIA | 78 |

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho, como deixa antever o título - *A Origem e a Dialética da Dinâmica Existencial em Teixeira de Pascoaes* – aborda o pensamento de Teixeira de Pascoaes na última fase da sua vida, período que vai de 1934 a 1952. Para o efeito, centramo-nos especificamente na análise do livro *Santo Agostinho*¹, publicado em 1945.

Apesar de os temas não serem “novos” é nesta obra que ganham “maturação”, dando pleno significado ao conjunto das restantes obras e, como veremos, acompanham perfeitamente a “linha da frente” dos importantes e “revolucionários” acontecimentos que marcaram o pensamento cultural e científico da sua época.

Na primeira parte da tese, ainda que muito sumariamente, relevamos algumas das linhas que traduzem os “caminhos” especulativos percorridos pelo autor. Ao contextualizar o pensamento deste autor, mostramos como os “paradigmas” (intelectuais, sociais e religiosos) do seu tempo marcaram (ou talvez não) a singularidade do seu percurso, sendo incontornável a referência a algumas perspetivas panteístas anteriores (e que, como veremos, acusam o mesmo sentido alternativo da heterodoxia portuguesa), bem como às teorias positivistas, ao materialismo científico e à ortodoxia religiosa.

No contexto do pensamento (heterodoxo) português, destacamos como seus precursores, em Portugal, Guerra Junqueiro (1850-1923), o principal representante da *Escola Nova* e o ensaísta portuense Sampaio Bruno (1857-1915), cujas obras influenciaram significativamente a filosofia pascoalina. Embora numa linha divergente à do nosso autor, a referência ao republicano Miguel Bombarda (1851-1910), seu contemporâneo, justifica-se pelas polémicas que nessa época suscitaram os ensaios do médico psiquiatra sobre as noções de “consciência” e de “livre arbítrio” - temas do “psiquismo” queridos ao nosso poeta-pensador.

Estes autores citados são, de facto, em Portugal, os protagonistas que antecipam os polémicos (e recorrentes) binarismos filosóficos: Empirismo versus Racionalismo e Idealismo versus Realismo.

¹ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa 1995

Ainda na primeira parte da tese, analisamos alguns escritos do chamado “primeiro” Pascoaes, num período que se estende de 1895 a 1915 - altura em que escreve em poesia ou em prosa doutrinária, certamente como parte integrante de um relevante ativismo dentro do movimento cultural português *A Renascença Portuguesa*. Como veremos, por exemplo, no artigo *O Sentido da Vida*,² o nosso autor vai assumir uma posição monista-materialista, baseando-se em três pressupostos: (1) entre o mundo material e o espiritual não há interrupção; (2) o “próprio espírito é matéria evoluída”; (3) Deus é apenas uma criação humana. Facilmente percebemos o que Pascoaes pretende com os pressupostos que advoga: dar o seu contributo para o desenvolvimento da (então emergente e polémica) nova “ciência da mente”, ou seja, a *Psicologia*.

Estas teses serão retomadas, pelo autor, na fase marcada pela campanha do Saudosismo, exemplificada nos artigos: *Trechos de um livro Inédito* e *Ao Povo Português, A Renascença Lusitana e Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa*³. Uma muito breve referencia à sua *Metafísica da saudade* permite-nos mostrar como a Saudade se constitui “ideia matriz” - a partir e à volta da qual o nosso poeta e filósofo erige o seu “sistema” pensante e fundamenta o conjunto da sua obra. Apresentamos igualmente *Uma Carta a Dois Filósofos*⁴, e em que se assiste a uma inflexão de Pascoaes acerca da *ideia de Deus* em relação aos artigos anteriores, passando nesta altura, a admitir um Absoluto primordial anterior à dinâmica existencial e numa explicação em que já estão presentes os contornos daquilo que virá a designar por ateoteísmo. Por sua vez, o livro *Homem Universal*⁵ de 1937, já dentro do período designado como “segundo Pascoaes”, é uma referência incontornável porque constitui a primeira obra onde o poeta-filósofo se propõe esclarecer tudo o que escreveu até esse momento, em diálogo com os paradigmas do seu tempo, no âmbito da Ciência, Arte, Ética e Filosofia.

² Teixeira de Pascoaes, *O Sentido da Vida*. In: *O Homem Universal*, Notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993.

³ Idem, in *A Saudade e o Saudosismo*, compilação e notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1998.

⁴ Idem, p. 179.

⁵ Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993.

Como veremos, na segunda parte desta tese, os temas centrais dos escritos do “primeiro Pascoaes” - mencionados na primeira parte - serão aprofundadas pelo nosso autor na suma (auto) biográfica da sua última “maturidade”: *Santo Agostinho* (1944).

Escolhemos o livro *Santo Agostinho* porque, nesta obra, Pascoaes aprofunda e desenvolve *todos* os seus temas anteriores, como já referimos, diluindo neste objetivo a expectativa de (mais) uma biografia do Santo (que o título deixa antever), para a partir daí consolidar as suas próprias posições acerca da condição humana: “A Natureza está cheia de paradoxos e milagres, e o mais curioso é o Santo. Adoro estes espíritos, que passaram, fantasticamente, pelo mundo, e vivem, para sempre, nos seus atos e palavras”⁶. De facto, sob a capa do retrato do Santo - Agostinho, “católico e bispo de Hipona”, “santo criminoso”, *Doutor da Graça* - este livro abre uma panorâmica sobre o fenómeno teísta e ateuísta, especulado pelo autor do Marão em três momentos principais: gnosiológico, ético e religioso. Nela se patenteiam os “recuos” face a uma possível Origem do cosmos.

Ao longo do nosso trabalho privilegiamos a interpretação defendida por alguns autores como, por exemplo, Paulo Borges, relativamente a alguns conceitos-chaves e que são objeto de diferentes interpretações-discussões, como é o caso do conceito de Existência. Na interpretação deste autor, a Existência refere-se ao processo de ativação “dentro de uma instância a-radical ou Princípio como supradeterminado, incondicionado e imprevisível e imanifestado sinónimo ao Nada, Divindade ou Deidade. O Nada, para o poeta do Marão é também a primeira Origem, uma simples e absoluta onde se inscreve uma segunda Origem a única que nos lembramos e que considera a própria base dos fenómenos físicos e psíquicos (...) é num registo simultaneamente metafísico, ontológico e ético- religioso que o ateísmo exige ser compreendido.”⁷

⁶ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op.cit. p. 23.

⁷ Paulo Borges, *Princípio e Manifestação; Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, INCM, Lisboa, 2008, p. 91.

De facto, o tema principal da obra *Santo Agostinho* prende-se com o seu original *ateoteísmo* e a falta de consenso quanto ao seu significado. Veremos como, sobretudo, a ortodoxia religiosa vê nesta palavra a alusão a um ateísmo dominante e uma inaceitável união de dois termos contrários. O nosso interesse, em particular, por este neologismo em Pascoaes, permitiu-nos dar a conhecer aqui o seu mundo concetual e simbólico. Trata-se de uma visão universalista, reveladora de um pensamento cuja profundidade e complexidade não é suscetível de se apreender só a partir da leitura das primeiras obras. Daí a necessidade de fazer uma leitura “transversal” da evolução do seu pensamento filosófico-poético sobre os “mundos” em que o humano se exprime para além dos fenómenos físicos e biológicos: arte, ciência, ética, religião, poesia, filosofia.

Finalmente, refira-se ainda que a estrutura formal da tese, apresentada sob a forma de parágrafos, nos pareceu ser a mais adequada para tecer um fio condutor que permitisse compreender, de uma forma sucinta e coerente, os desenvolvimentos e a natureza dos temas pascoalinos em análise. Como veremos, abrangendo quer o “primeiro” quer o “segundo” Pascoaes, estes prestam-se a um tipo de linguagem cuja intenção simbólica e recriadora parece tomar, por vezes, uma forma “obscura”, ou mesmo equívoca.

Por outro lado, a abundância de citações do autor, por vezes extensas, justifica-se na medida em que a nossa leitura se pretende “rente ao texto” de Pascoaes. Esta opção permitiu-nos uma síntese interpretativa (ou melhor, uma espécie de “análise de conteúdo”) das principais problemáticas. Dada a forma como o autor revisita, em *Santo Agostinho*, os seus temas de eleição (desde a ideia de Deus ao homem adâmico, passando pela origem dos fenómenos psíquicos e físicos, Tudo e Nada, Bem e Mal, entre outros), usando uma linguagem e uma forma próximas do aforismo pareceu-nos relevante preservar as imagens mitopoéticas e simbólicas de um autor que afirma que: “Também o mundo tem de ser interpretado artisticamente”⁸.

⁸ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op.cit. p. 335.

PARTE I

O Primeiro Pascoaes

“Nunca me conformei com um conceito puramente científico da Existência, ou aritmético – geométrico, quantitativo – extensivo”⁹

Teixeira de Pascoaes - pseudónimo de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos - nasce em Amarante em novembro de 1877. Esta “espécie de carrasco-poeta” - como o nosso autor gosta de se chamar a si próprio no “prefácio” do livro-comentário que virá a redigir, em 1944, sobre a vida e as *Confissões* de Santo Agostinho¹⁰ – inicia-se na poesia, em 1895, com o poema *Embriões*, mas é o poema *Sempre* (1898) que ele considera ser a sua primeira obra “digna de publicação”. Seguem-se *Terra Proibida* (1899), *Vida Etérea* (1906), *As Sombras* (1907), *Senhora da Noite* (1909), *Marânus* (1911), *Regresso ao Paraíso* (1912) e *Elegias* (1912).

Os primeiros livros de poesia serão escritos em Coimbra, a famosa cidade universitária para onde vai estudar direito e se licencia em 1901. Apesar de se ter estabelecido como advogado e experimentado algum tempo a “cadeira” de juiz, esta não era, manifestamente, a vocação do jovem Pascoaes - sedento de outras “convivências”, como reconhece, em 1928, no seu “Livro de memórias”. Porém, o nosso autor revelou desde cedo grande apetência pela compreensão dos “dramas psicológicos”, ou melhor, dos conflitos entre “a nossa índole e a consciência”, advogando sempre que “a vida moral é intermitente, ou cindida em partes, mais ou menos extensas que, muitas vezes, se contradizem”¹¹. Este nosso autor, assume-se um “poeta natural”, ou seja, a sua poesia não se (lhe) “impõe” mas expõe-se no conjunto das obras que acima referimos e levaram os seus estudiosos a estabelecer uma divisão entre o chamado “primeiro Pascoaes” e um “segundo”, sobre o qual nos deteremos aqui em particular,

⁹ Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, op. cit. p.7.

¹⁰ Idem, *Santo Agostinho*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa 1995, p.23.

¹¹ Ibidem, p. 27.

nomeadamente através da análise de uma das suas (últimas) biografias romanceadas e dedicadas aos santos famosos (São Paulo, São Jerónimo, Santo Agostinho). Neste caso concreto, falamos naturalmente da “vítima” Santo Agostinho, filósofo e Bispo de Hipona, esse fascinante “penitente camiliano ou santo criminoso, ou cristão maniqueísta”¹².

Mas, antes de nos debruçarmos sobre o “segundo” Pascoaes – e o livro “Santo Agostinho” (1944) que este pensador escreveu para os leitores “ateus inconformáveis ou idealistas” - lancemos um breve olhar sobre o panorama intelectual em que “germinava” o pensamento do poeta do saudosismo, desde a fase da vida coimbrã, uma fase onde podemos encontrar já delineados os traços essenciais do seu pensamento.

Como sabemos através do próprio Pascoaes, a ambiência humana e natural que o rodeava, em S.João de Gatão, sua terra natal, deixará marcas na sua poesia – facto que o poeta faz questão de relembrar e sublinhar não sem alguma nostalgia : “o encanto que eu descobria em tudo, nesses tempos! Este encanto era na verdade das coisas reveladas”.¹³ Este encanto das “coisas reveladas” está bem patente nas suas primeiras poesias, mostrando o quanto o jovem poeta ambicionava já um conceito de Divindade fora “desse campo antigo das imaginações fabulosas”¹⁴. Facto que levará o autor Mário Garcia a descrever a poesia de Pascoaes, nesta fase, como uma poesia de cariz mais narrativo do que propriamente impressionista. Por outras palavras, trata-se de uma poética claramente inspirada nas teorias cognitivistas (processos percetivos), perpassada por um idealismo dialético de características platónicas, “não rigorosamente simbolista”. Como sublinha o mesmo autor: “vertida num verso tradicional, na linha de Herculano, Antero, António Nobre e Junqueiro a sua poesia (...) traduz o sentimento romântico noturno, de tipo germânico, único entre nós, é o visionarismo fantástico, animado por uma forte tensão metafísica, que preside, quase sempre à elaboração do poema”¹⁵.

¹² Ibidem, p. 23.

¹³ Idem, Livro de Memórias. In: *Obras Completas*, notas de Jacinto Prado Coelho, vol. III, Livraria Bertrand, p.110.

¹⁴ Idem, *Santo Agostinho*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa 1995, p.347.

¹⁵ Mário Garcia, *Um Olhar sobre Pascoaes*, Coleção Investigação e Cultura, Braga 2000, p.11.

De facto, sem prescindir do metafórico e simbólico, que servem de ponte do nosso quotidiano para o desconhecido e o abstrato, essa “ilusão radiante”, Pascoaes, vai encontrar no convencionalismo da época, argumentos para as suas próprias teses sobre o Homem e a Natureza que fundamenta ou reinterpreta a partir de um cenário nitidamente marcado pelo impacto das teorias evolucionistas e os mecanismos da evolução biológica – no meio científico e onde se insere a própria História das Ideias. Recorde-se que o naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) publica, em 1859, a *Origem das Espécies*¹⁶ - embora a tradução portuguesa só surja em 1917 – um livro que fez ruir os alicerces do pensamento ocidental sobre a origem (divina) da natureza e da vida, provocando aquilo a que Sigmund Freud (1856-1930) convencionou chamar a “segunda ferida narcísica” nas representações que o Homem tinha de si próprio. Depois de Copérnico (1ª ferida narcísica, com a teoria heliocêntrica) – sem esquecer e o próprio Freud (3ª ferida narcísica, com a noção de inconsciente) - Darwin diminuiu, sem dúvida, a postura narcísica do Homem ao remetê-lo para a sua origem animal¹⁷.

O nosso poeta e pensador português é invocado pelo “pensamento insólito” de alguns dos seus escritos, muitos deles herdeiros (mas também, refira-se, simultaneamente “desordeiros”) deste espírito do século XIX que o viu nascer. Referimo-nos naturalmente também às grandes correntes que marcaram os caminhos do pensamento filosófico e epistemológico, tais como, por exemplo, o positivismo científico ou empirismo lógico de Augusto Comte (1798-1857)¹⁸. De facto, em finais do século XIX, a metafísica e a psicologia ainda acusavam o espírito idealista. Não esqueçamos também, na sequencia, a “alquimia” de ideias e o “desfile” de teorias, desde o materialismo e evolucionismo, ao existencialismo nietzscheano e agnosticismo Kantiano, ao idealismo anterior e pessimismo simbolista, humanitarismo e anticatolicismo, passando pelo socialismo proudhoniano e o marxismo¹⁹.

¹⁶ Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, Editorial Verbo, Lisboa, 2011.

¹⁷ Sigmund Freud, *Textos Essenciais da Psicanálise*, vol. I e II, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1989.

¹⁸ Jacques Muglioni, Auguste Comte: *Un philosophe pour notre temps*, Kimé, Paris, 1995.

¹⁹ Cfr. René Rampnoux, *Histoire de la pensée occidentale : De Socrate à Sartre*, Ellipses, "Hors collection", Paris, 2010.

1. Breve olhar sobre o Panteísmo precursor de Teixeira de Pascoaes

A *Geração de 70* representa o início de um ciclo panteísta que culmina na viragem do século XIX-XX - com o criacionismo de Leonardo de Coimbra e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes - no movimento chamado *Renascença Portuguesa*, nascido no Porto em 1912. São vários os autores portugueses que podemos ainda integrar nesta vertente: Cunha da Seixas com o Pantiteísmo (1836-1959), o Panteísmo idealista de Antero de Quental (1842-1891), o Panteísmo evolucionista de Guerra Junqueiro (1850-1923) e o messianismo heterodoxo de Sampaio Bruno (1857-1915).

Todavia, o panteísmo evolucionista de Guerra Junqueiro e o messianismo heterodoxo de Sampaio Bruno colhem maior consenso como “precursores” do nosso poeta-pensador. A ideia de Deus em Guerra Junqueiro, remete para uma reflexão acerca dos padrões religiosos convencionais em que uma visão sócio-mórfica do divino como um ser vingativo e violento se contrapõe à que consagra um Deus universal simbolizado pela união da liberdade e da crença. Neste autor, encontramos um evolucionismo que radica na mesma “Origem obscura”, que iremos encontrar em Pascoaes - e que Paulo Borges descreve nos seguintes termos: “Pode-se resumir como uma evolução indefinida a partir de uma origem obscura material e inconsciente passando por vários níveis de vida até ao aparecimento da consciência humana e á emergência da própria divindade, o qual se alimenta do próprio processo que na imanência e ânsia, aspiração ou desejo de uma perene auto- transcensão a gera pois a lei que lhe preside é a do excesso e sacrifício pelo qual o menor grau de ser e consciência é assimilado pelo imediatamente superior, sendo a ele elevado da mesma maneira que o nutre surgindo Deus como a infinita perfeição.”²⁰

Por sua vez, Leonardo de Coimbra vai caracterizar este sistema como ostentando a forma de “ um naturalismo e evolucionismo panteísta, misto das heranças de Darwin e

²⁰ Paulo Borges, Deus e Manifestação em Guerra Junqueiro. In: *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. IV, Tomo 1, Lisboa 2004, p.195.

Haeckel, de Espinosa e de Hegel e Leibniz, estes últimos conciliados pela mediação de Antero.”²¹ Quanto a Sampaio Bruno, amigo e admirador de Guerra Junqueiro, assume e completa este sistema panteísta incluindo o mesmo drama cósmico mas agora dividido em três momentos (um de partida, outro de percurso e o último de regresso), relevando nesta circularidade a evolução moral, como o motor de ascensão. Denominado de “positivista metafísico”, por defender o desenvolvimento da Razão e associar o progresso moral ao desenvolvimento do raciocínio lógico no percurso evolutivo humano: “germinal só o racional, a prática não é de boas obras mas de bons pensamentos, e assim as almas têm de reacender-se pelo raciocínio.”²² Defende igualmente para a *Ética* “o rigor lógico com que se raciocina nas ciências e se pretende raciocinar nas filosofias” considerando que esta não é imune ao progresso mas antes obedece a um processo evolutivo distinto: “A moral tal como a ciência está sujeita ao progresso que se realiza por outro processo que não o método científico uma vez que a moral na sua opinião é ciência da vontade (...) o progresso da moral dá-se não só em extensividade como em intensividade. Ilude-se, pois Buckle afirmando que na moral não há progresso e que o há só na sciencia, prende-se assim com a passagem progressiva do individualismo á consciência do todo”.²³ Só o progressivo desenvolvimento mental, conduzirá inevitavelmente às verdadeiras respostas acerca da *Existência* e de *Deus* e trará outra dimensão ao fenómeno religioso como base para uma radical transformação social futura. Efetivamente, podemos afirmar que nem Guerra Junqueiro nem Sampaio Bruno subscrevem a visão antropocêntrica da existência e, apesar de considerarem que a atuação humana é capaz de influir construtiva (ou destrutivamente) na evolução natural, tal não deve ser confundido com uma qualquer supremacia de espécie. Isso seria um erro antropocêntrico, ou como diz Sampaio Bruno, “a imoralíssima moral dos filósofos evolucionistas.”²⁴ Trata-se aqui de um sentido neo-religioso que tomará, como sabemos, nova amplitude em Teixeira de Pascoaes.

²¹ Leonardo de Coimbra, Guerra Junqueiro. In: *Renascença Portuguesa*, Porto, 1923, p. 63.

²² Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Lello & Irmão. Editores, Porto, 1902. pp. 480-481.

²³ Idem, pp. 200-202.

²⁴ Idem, ibidem.

Ainda a propósito destes dois autores, Paulo Borges esclarece que “se aproximarmos a *Pátria* do *Encoberto* estabeleceremos facilmente um paralelo, um infinito existe onde os dois escritores se encontram e graças às obras deles a cidade do Porto, viveu durante alguns anos, naquele ambiente de messianismo que permitiu a fundação da *Renascença Portuguesa*.”²⁵

De facto, em Portugal, o ciclo do panteísmo teve uma expressão predominantemente filosófico-poética. Recorde-se que Leonardo de Coimbra observa que a metafísica em forma de poesia é a mais adequada ao tratamento destas questões, uma vez que “a vida procede do ser, é enigma lógico mas é também mistério vital, mistério a que só a revelação ou o lirismo metafísico podem dar resposta e que supõe uma ontofilia ou um amor do ser que o liberta da sujeição ao humano saber, como se a porta por onde o ser se nos mostra fosse a poesia”.²⁶

A problematização da questão de Deus e do mundo, com repercussões nas problemáticas antropológicas (tais como: o mal, a liberdade, o ser, a morte e a imortalidade), vão aparecendo articuladamente em vários autores desde meados do séc. XIX até à contemporaneidade, considerando, por sua vez, António Braz Teixeira em *Deus Mal e a Saudade*, que se no séc. XIX a teodiceia é o tema principal, no séc. XX são as questões antropológicas que mais ocupam os autores portugueses: “O ciclo especulativo da última metade do século XIX vê surgir uma linha de pensamento que põe em causa a ideia cristã de Deus ao mesmo tempo que abala o pressuposto iluminista de uma razão clara e segura de si que recusa o irracional, para admissão, quer do irracional quer de outros tipos de conhecimento, ou outras formas gnósicas, como a intuição a imaginação e a crença (...)”²⁷.

²⁵ Paulo Borges, *Deus Manifestação em Guerra Junqueiro*, p. 195.

²⁶ Leonardo de Coimbra, A Razão Experimental, notas sobre a Abstração Científica e o Silogismo. In: *Obras Completas de Leonardo de Coimbra V*, Prefácio Dr. Delfim Santos, Livraria Tavares Martins, Porto, 1958, p. 79.

²⁷ Cfr. António Braz Teixeira, *Deus, Mal e a Saudade*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, p. 16.

2. A proposta materialista de Miguel Bombarda no campo da Psicologia

Contemporâneo de Pascoaes, o ensaísta e médico Miguel Bombarda (1851-1910) vai confrontar-se com as mesmas questões, embora numa diferente perspectiva, ou seja, a partir de uma proposta radicalmente materialista. Na sua obra *A Consciência e o Livre Arbítrio*²⁸ defende que a Psicologia, como abordagem da consciência, não deve ter lugar nas escolas filosóficas, na medida em a origem e explicação do “psiquismo” radica no sistema fisiológico e nos próprios fatores ambientais e não numa qualquer Metafísica.

Partindo dos *Primeiros Princípios* do filósofo inglês, Herbert Spencer (1820-1903), Miguel Bombarda não aceita a validade gnosiológica da Filosofia. Este filósofo inglês, um dos principais interlocutores do chamado Darwinismo social, “um homem surpreendentemente sábio”, como lhe chama Mercier²⁹, afirma que o conhecimento científico se limita às fronteiras do cognoscível e parte do particular para o geral, ocupando-se da coexistência e da sequência dos fenómenos, primeiramente, agrupando-o sem generalizações de uma ordem simples e elementar e fazendo-as subir gradualmente a generalizações mais elevadas e amplas. Para este pensador eclético a Filosofia enuncia “a lei geral de todos os movimentos a que a força submete a matéria e procede apenas por aproximação a um Incognoscível”³⁰. Entre o idealismo de David Hume ou de Kant, Spencer defende que a psicologia não é senão o inverso da fisiologia. O empirismo sensualista e idealismo subjetivista deixam também aqui as suas marcas. Por isso, este autor defende a unificação da Ciência e da Filosofia na sua “síntese cósmica”, embora as demarque quanto aos objetivos que cada uma ambiciona. Ao contrário de Spencer, Miguel Bombarda rejeita quer a interdisciplinaridade quer as noções de “alma” e de “livre- arbítrio”, remetendo a Metafísica para a esfera das opiniões e as verdades comprovadas por argumentos para a esfera do conhecimento subjetivo. É, sem dúvida, o positivismo a revelar aqui todo o seu esplendor. Mais ainda:

²⁸ Miguel Bombarda, *A Consciência e o Livre Arbítrio*, Livraria António Maria Pereira, Lisboa, 1898.

²⁹ Mercier Désiré, La Philosophie de Herbert Spencer. In: *Revue néo-scholastique*. 5^o année, N^o17, 1998. pp. 5-29.

³⁰ Cfr. José Luis Brandão da Luz, Orientação Sociológica do Positivismo. In: *História do Pensamento Filosófico Português*, op. cit. p. 346.

apenas aceita as ciências naturais como as únicas passíveis de experiência e dignas do estatuto de conhecimento objetivo.

Poder-se-á dizer que o médico Miguel Bombarda revela aqui alguma “ingenuidade” intelectual e científica ao achar possível prever o evoluir de uma sensação ou sentimento a partir dos circuitos nervosos, da mesma maneira que se observa o evoluir de uma reação química como, por exemplo, a contração de um músculo ou secreção glandular sobre o efeito de determinadas excitações. Filosoficamente falando, poder-se-á dizer que se trata-se de um monismo metodológico assente num monismo ontológico de cariz materialista dentro de uma metodologia positivista. De facto, esta postura representa claramente o paradigma epistemológico que, no nosso país, será defendido por outros pensadores (como António Sérgio, por exemplo) - mas, ao mesmo tempo, será rejeitado por autores panteístas.

3. O Psiquismo em Pascoaes

Uma das grandes influências no pensamento de Pascoaes é o filósofo francês Henry Bergson (1859-1941). As doutrinas de Bergson sobre as origens psicológicas das nossas crenças e as fontes da moral e da religião, provocam na filosofia do século XX uma verdadeira “revolução”. Para Joaquim de Carvalho, “ a génese e em parte o teor das suas prefigurações da realidade, assim como a entrega sem reservas ao apelo da emoção e ao dom misterioso e revelador da palavra”, em Teixeira de Pascoaes, dificilmente se compreende se ignorarmos o contexto de certas correntes filosóficas, especialmente as de Bergson. São elas que permitem justificar “o regresso ao vital e ao imediato pelo valor noético da intuição e pela excelência da emotividade sobre a racionalidade”.³¹

Pascoaes publica, em 1907, *O Sentido da Vida*, artigo onde expõe e desenvolve a sua própria teoria acerca do psiquismo. Ao ser questionado sobre a possibilidade de haver para além da natureza humana - como o último elo conhecido da cadeia evolutiva no

³¹ Cfr. Joaquim de Carvalho, Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes. In: *Obra Completa*, Volume V, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987, p. 75.

plano biológico - “outra fase característica e superior do Cosmos, para o qual ela tende”, o nosso autor responde afirmativamente partindo da convicção de que “ ao último reino em que até aqui se dividia a Natureza, sucede um novo reino, nascendo da última fase da Matéria como, *o Reino psíquico*”.³² Tal explicação pressupõe um recuo até a um «início» - que ele faz corresponder ao *Ab initio* de São Paulo ou ao *Éter* de Haeckel - para justificar a condensação desse princípio ativo numa matéria ponderável ou atômica, portadora de um dinamismo próprio e com um raio de ação autónomo, para além das leis ordinárias conhecidas pela ciência convencional, possuindo “a faculdade de se exceder e traduzir em formas originais de vida sempre superiores às antecedentes”³³. Trata-se de uma força energética, ou seja, uma *íntima vontade*, inerente a toda a natureza e responsável pela evolução das espécies segundo um certo esquema evolutivo (ex: o mineral evolui para o vegetal e este para o reino animal de que faz parte o homem que por sua vez é a ponte e o meio genésico do último reino, isto é, o reino espiritual ou psíquico). Este último distingue-se por ter “uma qualidade de matéria idêntica ao éter inicial” com a diferença de que, passou de dinamismo inconsciente a dinamismo consciente ou Espírito.

No Homem, a *vontade de excedência*, manifesta-se como pensamento criativo – o que em Pascoaes significa a produção de entidades que não sendo atômicas ou celulares são de um tipo de *matéria imponderável*. Todavia, não se trata de “corpos orgânicos e inorgânicos”³⁴, têm origem na matéria cerebral descondensada dentro do cérebro onde se encontram sujeitos aos fenómenos evolutivos da restante natureza. É aqui que situa a causa do fenómeno religioso, artístico, científico.

Nesta perspetiva, a título de exemplo de pensamento criativo, a arte vai aparecer como sendo a objetivação do mundo espiritual no mundo físico e o seu *pólo fecundador*, representando cada obra artística uma semente do mundo mental que irá germinar noutros cérebros, que por sua vez, farão novas criações em novas formas artísticas e assim sucessivamente.

³² Teixeira de Pascoaes, *O Sentido da Vida*, op. cit. p. 118

³³ Idem. p.120

³⁴ Idem p. 121

As criações artísticas ao longo dos tempos revelam a evolução do lado espiritual, que assim se *engrandece e se constitui* atrativo para os padrões morais das sociedades, como esclarece o nosso autor: “As obras de arte verdadeiras, são o óvulo sagrado onde se encerram os germens de novas criaturas espirituais. E quantas têm existido que não deixam descendência porque antes da sua morte, não depositaram as suas células germinativas em nenhuma tela, estátua ou poema”.³⁵ Estética e Ética estão, assim, numa imbricação, uma vez que a arte (no seu efeito de expansão espiritual) predispõe os indivíduos a uma vontade íntima de se alinhar por padrões físicos e morais mais perfeitos.

Entre os temas e realidades com que a Psicologia, jovem ciência emergente, se procura afirmar no panorama epistemológico do século XIX-XX, destacamos no contexto do pensamento do nosso autor, o estatuto cognitivo do sonho e da sensação. O sonho, concebido como estados da mente em que os sentidos incidem diretamente sobre o cérebro, constituem a ponte entre o lado físico e metafísico, pois durante o sono supõe-se haver uma paralisia da parte externa dos sentidos, isolando-os do mundo exterior e projetando a visão interna. Quanto à *Sensação*, ela é vista como o “ato pelo qual o mundo exterior toca e fere o mundo cerebral, para nele se transformar em matéria psíquica” e distingue-se de *imagem* ou “esse mundo externo metamorfoseado, no cérebro, em dinamismo consciente, com existência objetiva”³⁶. Pascoaes defende ser necessário um estudo sem “preconceitos” destas realidades na Psicologia, devendo esta passar a ser uma “ciência geral” onde se incluísse este “mundo perfeitamente distinto e caracterizado”.

Por outro lado, a par da Psicologia, também a Sociologia é uma ciência emergente e em vias de afirmação. O nosso autor remete-nos para o exemplo da sociedade francesa, que criou os ideais libertários (Revolução Francesa) a partir do qual “o homem histórico se direccionou em aspiração”³⁷, para mostrar que os chamados fenómenos sociológicos seguem o mesmo processo evolutivo, pois as sociedades são entidades coletivas, criadoras de novas formas sociais e anseiam alcançar um nível superior.

³⁵ Idem, p. 118.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ Idem, Ibidem.

Ainda no âmbito dos fenómenos psicológicos, ao longo dos seus escritos, Pascoaes insiste em relevar a importância da Ciência admitir investigar os seres espirituais como “seres vivos e verdadeiros que são”, propõe uma *Biologia-Psíquica* que se ocuparia do estudo destas formas (da mesma maneira que se estuda os seres vegetais ou minerais).³⁸

Neste contexto, compreende-se que o nosso poeta-pensador não aceite o dualismo metafísico por considerar o mundo espiritual separado e substancialmente diferente do material, nem o monismo materialista (seu contemporâneo) que considera o espírito como mera manifestação cerebral sem uma real e específica diferenciação do meio a partir do qual surge. O conceito de *finalidade* relaciona-o com a busca de perfeição *que* revela na *Natureza* um jogo de arbitrariedade. Este deriva “fatalmente das condições imprevistas em que cada ser está em relação a outro que lhe seja diferente e superior”.³⁹

É assim que a origem da Existência vai ser radicada, por Teixeira de Pascoaes, num *Imponderável inicial* que encerra em si “reservas de energia latente” que em certos períodos específicos da evolução cósmica vão dar à matéria “a faculdade de se exceder e traduzir em formas originais de vida superiores às antecedentes”.⁴⁰

Segundo Paulo Borges, o nosso pensador, nesta fase da sua obra, faz derivar a ideia da existência de matéria “*imaterial, etérea e inconsciente*”⁴¹ que se constitui *Princípio e Fim* da dinâmica existencial e onde Deus aparece como a criação humana de uma idealidade suprema. Por esta razão não é considerado “nem panteísta nem teísta mas monista- materialista”⁴². Januário Leite já havia feito notar, pertinentemente, numa carta-resposta a Pascoaes, alguns hiatos no que se refere à transição entre matéria inconsciente e matéria consciente. Em síntese, embora deixe muitas questões em aberto, estes escritos de Pascoaes sobre a sua ideia de Psicologia, permitem-nos aceder a uma

³⁸ Idem *ibidem*.

³⁹ Idem. p.120.

⁴⁰ Idem, *Ibidem*.

⁴¹ Paulo Borges, *Princípio e Manifestação, Metafísica e Teologia da Origem em Pascoaes*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2008, p.119.

⁴² Ângelo Alves, *O Ateísmo de Pascoaes: Retórica, Indecisão ou Aprofundamento?*. In: *Revista de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2004, p. 190.

abordagem antropológica - que o nosso autor mantém até ao fim - em que sobressai a ideia de uma nova perspectiva da Psicologia, como ciência capaz de identificar a causa dos males da humanidade.

4. O Panteísmo Saudosista

Os artigos que Pascoaes escreve na emblemática revista *A Águia*, dentro do movimento cultural *A Renascença Portuguesa*, são reveladores do seu envolvimento na “campanha” do Saudosismo.

Trechos Dum Livro Inédito é o título do texto em que se manifesta contra o rumo da civilização tecida num “antro de artificialidade ao ponto de desumanizar e ter criado um ser que não é nem animal nem homem mas um monstro anti- natural árido e antipático”. Para o poeta do Marão, o homem social tornou-se um desviado do rumo evolutivo natural (do menos perfeito para o mais perfeito) e em vez de tornar-se entidade espiritualizada, transformou-se num “ fenómeno estranho á natureza onde tudo se liga e atrai”⁴³, adquirindo a capacidade de mentir. Não é a *Razão* o que distingue os homens dos outros seres, mas a *mentira*. É no intuito de contrariar esta tendência que Pascoaes, a partir de ideia de Portugal e da alma portuguesa, institui a *Saudade* como a “nova religião” universal. Isto leva-o a escrever - no manifesto de apresentação da *Renascença Portuguesa* em 1912 - o seguinte: “Quem surpreender a alma Portuguesa nas suas manifestações mais íntimas e delicadas vê que existe nela, embora de uma forma difusa e caótica a matéria de uma nova religião como querendo significar a ansiedade poética das almas para a perfeição moral, para a beleza eterna, para o mistério da vida (...)”⁴⁴, a palavra religião “ toma um novo sentido em que os cultos como o Paganismo, o Judaísmo, o Cristianismo e as suas variantes afastam-se envoltos já na névoa do

⁴³ Idem. In: *A saudade e o Saudosismo*, op. cit. pp. 12-13.

⁴⁴ Teixeira de Pascoaes, *Ao Povo Português, A Renascença Lusitana*. In: *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p.32.

passado, abrindo-se um novo período que vai dar ao mundo uma nova fisionomia”.⁴⁵ Trata-se de um *Animismo Lusitano* com características próprias e que representa a síntese ou fusão viva da Natureza e do Espírito, ao contrário da contemplação ou intelectualização em que há uma distância entre sujeito e objeto. A arte em geral - e dentro desta em particular a poesia - é o instrumento ideal de expressão deste sentimento religioso. O “verdadeiro” poeta da *Renascença Portuguesa*, não é qualquer um que se limite a escrever poesia e a expressar um mero ponto de vista pessoal. Para sê-lo é necessário que a (sua) poesia sublime (idealmente) o quotidiano.

Constatamos que, em Pascoaes, está sempre presente a importância da simpatia ou afinidade no processo cognitivo. Aqui reiterada no *sentimento amoroso* como a grande força agregadora universal geradora de *Saudade* - que nos “reproduz espiritualmente na alma de outra criatura, onde ficamos a viver” ao mesmo tempo que “desenvolve a infinita perspectiva do Universo porque abrange todos os acontecimentos a caminho da sua realização.”⁴⁶ Ora, se a palavra *Saudade* é portuguesa e enraizada na alma nacional (entidade espiritual coletiva), o seu significado é universal. O pensamento português possui a capacidade de fazer ressurgir o lado superior e esquecido da existência, com novos sentimentos e ideias capazes de contrariar o rumo civilizacional que vai no sentido egoísta e destrutivo. A existência de novas palavras na nova poesia portuguesa é disso exemplo, pois “são os novos estados de alma que preparam a sua própria exteriorização.”⁴⁷

Reiterando a ideia de um Universo que conquista a sua fase anímica no homem, o nosso autor salienta, a propósito da vida psíquica, que teremos a verdadeira Religião saudosista “quando esta vida se tornar interpretativa das imperfeitas vidas anteriores e com elas se casar, construindo um Universo ideal dentro da realidade do Universo.”⁴⁸

O *Saudosismo Panteísta* aparece, assim, na sequência de renascimentos que - anterior e ciclicamente - impulsionaram as civilizações humanas. Corresponde “às antigas

⁴⁵ Teixeira de Pascoaes, *Génio Português na Sua Expressão Filosófica, Poética, e Religiosa*, op. cit. p. 86.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem, pp. 86-88.

associações filosóficas”,⁴⁹ em resposta à ansiedade mística da alma lusíada mas também da humanidade em geral.

De facto, como elemento cósmico universal a *Saudade* é o sentimento íntimo, comum a toda a Natureza, constituindo o móbil da sua renovação e redenção. Trata-se da “intuição primordial” na qual se erige o conceito de dialética existencial em Pascoaes. Vários autores sublinham isso mesmo - como é o caso de João Ferreira que coloca a Saudade “na metodologia das teorias filosóficas que em suas grandes linhas e sistemas, sempre tiveram ou têm em sua base uma intuição primordial que os caracteriza”, como é o caso da relação entre mundo inteligível e mundo sensível em Platão ou as “raciones seminales” de Santo Agostinho, na medida em que todos eles partem de uma intuição basilar sobre o qual edificam as suas especulações. A Saudade vai adquirir, assim, um sentido renovado pela hermenêutica gnosiológica que passa a considerá-la um “símbolo catábico e labiríntico.”⁵⁰ Por sua vez, para Paulo Borges, o artigo *Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa* marca um dos momentos mais “ousadamente profético – messiânico e lusocêntrico de Pascoaes, em que a *Saudade* como perspectiva religiosa – ética e política, se enquadra na vertente messiânica de Sampaio Bruno, Fernando Pessoa Agostinho da Silva e José Marinho”.⁵¹

De facto é nesta altura que dá início a um intenso período de propaganda cultural e política assente em dois pressupostos fundamentais: Reorientar Portugal para o seu “papel civilizador” de que se arredou ao só imitar as ideias estrangeiras, e ao assimilar uma noção de progresso assente no puro materialismo; Expor a religião saudosista universal que em Portugal se iniciará, é sobre o qual se edificará ética e politicamente as organizações das sociedades.

Se há em Portugal, nesta época, a expectativa de uma renovadora esperança, são de fora os exemplos - Edouard Schurée (1841-1929) William James (1842-1910), Henry Bergson, Émile Boutroux (1845-1921) - com que Pascoaes reforça a sua

⁴⁹ Idem, ibidem.

⁵⁰ João Ferreira, *O Lado Gnosiológico da Catábase Saudosista em Teixeira de Pascoaes*. In: Nova Renascença, inverno, verão, vol. XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, p. 622.

⁵¹ Paulo Borges, *Princípio e Manifestação Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, op. cit. p. 182.

convicção para defender que o mundo espiritual é o momento em que se desenvolve no homem a consciência crítica e que deriva de um contexto evolutivo, onde passa a existir apenas a partir de determinado momento, sem que se possa concluir que exista no início. Deixando, assim, a ideia de uma Origem obscura e inconsciente (logo menos perfeita) para a existência, mas sem especificar como pressentem saudosamente os entes uma perfeição que nunca conheceram.

5. Deus – Mesmo e Deus - Outros

Teixeira de Pascoaes diz que “antes das cousas já existia Deus como a última criatura e o primeiro criador”.⁵² Trata-se de uma afirmação contida nos aforismos de *Verbo Escuro*, publicado em 1914, mostrando que afinal Deus não é somente o produto da consciência humana, tal como afirmara nos artigos anteriores. De facto, esta ideia será reforçada no artigo *Uma Carta a Dois Filósofos* de 1915, com o mote “Deus – Mesmo, divino e transcendente e Deus – outros noturno e diabólico”⁵³, ao mesmo tempo que lhe acrescenta o *Mistério trágico do Fatum ou Destino, o que* sugere um novo enquadramento daquilo em que a Saudade parecia ser o principal motor. Sobre este *Fatum* (ou condicional) afirma ser “a sombra que tudo penetra submetendo aos seus desígnios até a própria Divindade que (...) vê o seu corpo desdobrar-se em matéria lúbrigue de sombra, para no contraste com a sua sombra, ver a claridade do seu corpo”⁵⁴. Por outro lado, ao afirmar que “Satanás revelou Deus a Deus”, parece-nos aqui implícita a ideia de um Deus negador de si próprio e o Mal como condição da existência do Bem e vice-versa, ideias que vai desenvolver (posteriormente) como *ateoteísmo*. Ainda neste artigo, o nosso autor afasta-se do monismo-materialista patente em obras anteriores e que mostravam a preocupação em se alinhar com os padrões científicos (seus) contemporâneos. À semelhança de outros autores panteístas

⁵² Teixeira de Pascoaes, *Senhora da Noite e Verbo Escuro*, apresentação de Mário Garcia, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999, p. 80.

⁵³ Teixeira de Pascoaes, *Uma Carta a Dois Filósofos*. In: “*A Saudade e o Saudosismo*”, *op. cit.* p.179.

⁵⁴ Idem, *op. cit.* p. 181.

portugueses, também ele adota uma explicação próxima das doutrinas filosóficas orientais.

Na teologia tradicional e no Cristianismo institucional a divindade antropomórfica é a fonte direta e transcendente do todo o existente, como sabemos. Distanciando-se destas teses e na esteira dos primórdios do cristianismo, Pascoaes desenvolve a ideia de um Princípio absolutamente incondicionado, que se revela numa metamorfose contínua de si mesmo como Cosmos - o Cosmos que conhecemos. Autores como, por exemplo, *Ângelo Alves* veem nesta posição um Panteísmo emanatista dualista da gnose ou, por outras palavras, uma doutrina filosófico-religiosa cuja tradição “vem do fundo dos tempos, com raízes nas teogonias e cosmogonias da Antiguidade oriental passando por Anaximandro e pelo Orfismo, persistindo em contraste com o conceito cristão de criação desde o século II no gnosticismo helenista, maniqueísmo, na Kabala Hebraica. Entre os Cátaros do séc. XII e XIII, na cosmofofia da Renascença em Böhme do século XVI, nas obras de F. Schelling nos filósofos russos do séc. XIX e XX e contemporaneamente chegou até nós através de Sampaio Bruno, Junqueiro, Pascoaes, Fernando Pessoa e outros”.⁵⁵

A importância desta ideia de um Princípio absolutamente incondicionado reside no facto de ela permitir um enquadramento ético mais abrangente - que Pascoaes irá expor e desenvolver na segunda fase da sua obra.

6. Poesia Filosofia e Ciências

Na obra *O Homem Universal* de 1937⁵⁶, situada já no período da sua fase de maturidade, expõe uma renovada reflexão das temáticas anteriores, retornando à sua principal preocupação, ou seja, construindo uma ponte entre o que escreve e os paradigmas científicos e filosóficos da sua época. Encontramos neste livro sobretudo a

⁵⁵ Ângelo Alves, *O Ateísmo de Pascoaes, Retórica, Indecisão ou Aprofundamento*, op. cit. p. 193.

problemática antropológica e a importância de investigar o lado espiritual do universo, na busca de um sentido para a Existência.

Prevenindo o leitor de que só a *simpatia* é condição de compreensão, começa por lamentar a polémica gerada à volta dos seus escritos por não agradarem nem a crentes nem a descrentes, mas a que não pode fugir uma vez que são fruto da sua sinceridade, embora admita que se aventura num terreno que não é o seu, propõe-se fazê-lo como um contributo “para a descoberta da verdade e da realidade”⁵⁷.

O debate com os meios científicos, começam a ganhar relevo em Pascoaes, nos artigos que escreve na revista *A Águia*. No artigo, *O Génio Português*, esclarece que não se dirige “à verdadeira Ciência mas sim à ciência militante e política, ao clericalismo científico.”⁵⁸

Em conformidade com a sua natureza (mineral ou inorgânico, biológico e imaterial ou espiritual), concebe na Existência universal três momentos (Existente, Vivente e Espiritual) - que toda a *ciência completa* deve incluir. Uma tal ciência tomará forma à medida que a humanidade evoluir no sentido do *Homem Universal*.⁵⁹

Sempre no intuito de encontrar pontes entre a metafísica e o conhecimento científico, recusa o método científico como sinónimo absoluto e único de rigor e objetividade, por lhe escapar “o fundo imenso, de que o mundo tal como o percebemos, é um mero reflexo, em forma de paradoxo e absurdo”.⁶⁰ O instrumento capaz de resolver a antítese inerente ao processo existencial (numa síntese que capte a unidade que subjaz á diversidade) será a *inteligência intuitiva*.

Deste pressuposto nasce a sua “espécie de teoria do conhecimento racional e emotivo”, onde paralelamente ao conhecimento racional – científico também o conhecimento poético-emotivo alcança similar importância na compreensão abrangente dos fenómenos, como ele próprio explica: “Entre o intelecto e o emotivo há apenas uma

⁵⁶ Teixeira de Pascoaes, *Homem Universal*, compilação e notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993.

⁵⁷ Idem p.19.

⁵⁸ Teixeira de Pascoaes, *Génio Português*, op. cit. p. 90.

⁵⁹ Idem, p.3.

⁶⁰ Idem, p. 48.

diferença de nitidez (...) uma ideia é um sentimento estilizado, como este é uma sensação que se transcendentaliza nos seus contornos envolventes de toda a nossa pessoa ilimitada. Cada sentimento ou cada ser é um sistema de forças coordenadas em número desconhecido que umas às outras se limitam ou informam, (limitar é informar) por virtude própria e do meio, por vontade e coação. Esta virtude própria adotando-se ao meio é como o Absoluto a tornar-se relativo ou existente.”⁶¹

Se cada sentimento é um sistema de forças coordenadas, por sua vez, a *simpatia* é a ligação natural entre as coisas e só ela permite a real comunicação. É precisamente isto que falta à “Ciência oficial”, ou seja, este lado comunicativo e afim, o que a impede de perceber as verdadeiras causas dos fenômenos.

Quanto à *Saudade*, ou sentimento - ideia latente na maioria dos homens, é nos poetas “lembrança acordada”⁶², ou seja, a intuição que pode sobrepor-se ao intelecto na aquisição de um tipo de informação que este não alcança. Já o intelecto, não passa de uma “forma lapidar de sensibilidade que é informadora do sensível”, serve para apreender os fenômenos próximos dos sentidos mas não os espirituais. Nesta perspectiva, as respectivas funções de cada nível de conhecimento (razão, intuição), devem ser informativas uma da outra, tendo em conta que “o sábio analisa, decompõe; o filósofo generaliza, dá o conjunto, o poeta dá o significado anímico das coisas a sua própria natureza”⁶³. A inteligência além de dedutiva e indutiva (científica) é também intuitiva (poética) e, enquanto tal, corresponde às duas “faces da mesma moeda” que neste caso é o mundo simultaneamente formal e substancial, transitório e intransitório).

Assim, a verdadeira poesia aparece como *ciência liberta*, traduzindo o lado invisível da existência e expandindo-se através da imaginação, não condicionada aos limites espaciais e temporais comuns. Se a “ação” é um fenômeno profundamente psicológico, para Pascoaes a mente (razão) e coração (emoção) têm igual valor gnosiológico. Este último além de órgão biológico com a função de unir todo o corpo através da corrente sanguínea é também um símbolo unificador do lado *íntimo ou espiritual* da Existência, como expressa o poema:

⁶¹ Idem, p.27.

⁶² Idem p. 19.

⁶³ Idem, ibidem.

“Ó Natureza, qualquer coisa existe/
Do íntimo entre o meu peito e a tua essência/
(...) E assim nesta secreta intimidade/
Que entre a minha alma existe e o mundo todo”.⁶⁴

Pelo exposto se compreende as duas ideias defendidas por Pascoaes: o homem integral é um sempre físico e metafísico e a Ciência e a Arte representam “o mesmo mas contemplado de dois pontos diferentes”⁶⁵.

Também neste livro se revela uma crítica ao materialismo científico por este apresentar o mundo como um *zumbido atómico* ou *focos de insetos turbilhantes*, ignorando a harmonia das esferas platónica, conduzindo ao ceticismo pela crença de que o universo é uma simples e casual reunião atómica.

De facto, Pascoaes concebe o mundo em dois tipos de aparência: a aparência imediata que é estético – filosófica; e aparência mediata ou científica, captada pelos instrumentos científicos. Nesta perspetiva o Universo é uma espécie de roupagem ou máscara, onde o sujeito se objetiva e de um interior abstrato se passa para uma exterioridade já concreta. Relembramos que o autor Paulo Borges chama a atenção para o facto de a própria ideia de ilusão (relativa ao jogo), ter justamente a ver com uma espécie de “engano” da consciência que toma por real o que o não é em absoluto. Para Pascoaes, a Existência é o que está “entre a mentira inicial e final, o nada e o nada, em que, medeia uma ilusão de qualquer coisa, uma relação de atividades ou fenómenos que nos apresentam um aspeto falso ou autêntico, afirmativo e negativo, ondas destacadas e esbatidas numa identidade misteriosa. Que é a Natureza? Presença e ausência ao mesmo tempo”.⁶⁶

Neste contexto, a hipótese científica do acaso, não tem sentido para o nosso poeta, uma vez que tornaria impossível explicar com coerência os fenómenos. Por isso ele reitera, neste livro, o *Princípio Organizador Inteligente* subjacente ao mundo visível: “Como admitir um organismo, essa lógica animada, ciência ou verbo

⁶⁴ Idem, ibidem.

⁶⁵ Idem, p. 41.

⁶⁶ Idem, p.55. Sobre o mesmo assunto ver, Paulo Borges, “Do Mundo como Bailado Carnavalesco”. In: *Revista de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2004, p.119.

encarnado, sem um Princípio Organizador Inteligente? Princípio imanente, entranhado em cada célula e transcendente ou abrangendo-as num todo definido. O Criador é a causa eterna de e feitos transitórios.”⁶⁷

A ciência - que simboliza nesta obra o “motor” - torna-se “um esquema artificial do cosmos, de resultados práticos, mas inexpressivo da realidade.”⁶⁸ Por outras palavras, o motor enquanto esquema artificial do Cosmos é o símbolo da ciência e pressupõe um princípio espiritual sem o qual nada se compreende da existência: “o Ser excedeu-se no homem e não se resigna dentro da nossa área racional euclidiana, traçada pelo compasso de duas pernas abertas.”⁶⁹ A negação por parte do homem de algo que o transcende, explica-se pelo seu percurso evolutivo e processo de individualização. Neste, o homem começa por “fazer uma ideia de si próprio, concebendo-se como um princípio ativo inconfundível, um *cogito ergo sum*,”⁷⁰ antes de ser o homem adâmico ou universal. Trata-se de um processo em que as sociedades contemporâneas desempenham um importante papel, como estimuladoras (ou inibidoras) das características necessárias ao aparecimento deste tipo humano.

Quanto à questão da evolução da sociedade Pascoaes descreve-a da seguinte forma: “ao homem mitológico escravo dos Deuses, sucedeu o metafísico escravo de Deus, e a este o industrial, escravo de uma Deusa de metal”⁷¹, a que se seguirá o advento do *Homem Universal*. Filósofos ou escritores como Platão (séc. V a.c.), Dante (1265-1321) e Dostoiévski (1821-1881), ou cientistas como Newton (1643-1727) e Einstein (1879-1955), entre outros, são os nomes de referência que antecipam este tipo humano futuro.

Um outro aspeto que destacamos, neste livro, é a explicação acerca do impulso criativo inerente a toda a natureza e que se prende com a dinâmica do próprio desejo sexual. Uma explicação que poderíamos identificar como sendo tipicamente freudiana

⁶⁷ Teixeira de Pascoaes, *Homem Universal*, op.cit. p. 77.

⁶⁸ Idem, pp. 77.

⁶⁹ Idem, p. 76.

⁷⁰ Idem, p. 56.

⁷¹ Idem, p. 27.

se nos recordarmos do princípio ou impulso vital a que deu o nome de “Eros” (por oposição a Thanatos).

De facto, o desejo sexual, segundo o nosso autor, além de ser o meio de reprodução natural nos animais e no homem (neste último, em virtude do princípio de excedência) pode intensificar-se “até à espiritualização e gerar outros filhos”.⁷² O desejo (ou a excedência do desejo) é sempre a mesma energia criativa em todo o universo mas, na fase humana, é suscetível de se apresentar sob formas mais complexas de criação, como a arte, a ciência a filosofia e a religião, que podem bem ser “os sonhos e os fantasmas nascendo do desejo insatisfeito”.⁷³

Na perspectiva psicofilosófica, o sonho, para o poeta-pensador, aparece ligado à memória e mais do que simples recordação é impulso dinâmico ou artístico, criador de idealidade e gerador de consciência - e não o inútil delírio que lhe atribuem os pragmáticos: “Cantando e filosofando, conseguem-se utilidades muito práticas ó capitalistas do Bom Senso! A primeira canção foi a primeira ordem estabelecida, a primeira visão de conjunto ou definidora.”.⁷⁴ Daí não surpreender que a Ética e a Estética filosóficas apareçam associadas ao culto da verdade e o seu esplendor, pois como sublinha Jorge Coutinho a propósito do nosso autor: “Aproximando da poesia o que considera a verdadeira filosofia, distancia-a e aproxima-se do mesmo golpe da ciência... ciência e poesia não se excluem: completam-se”.⁷⁵

De facto, podemos dizer que a Estética constitutiva do Cosmos tem na arte humana o prolongamento desse impulso criativo (sexual). O homem ainda de consciência hesitante, ora se manifesta na ciência e sabe como interpretar as mudanças, ora na arte, trazendo visibilidade ao invisível. Ética e Estética perfazem, assim, a própria civilização e são marcos incontornáveis no progresso humano: “Deus criou. Porquê? Para quê? A ideia da finalidade inclui a de utilidade e é de natureza económica e social. Temos de dar aquela ideia em valor estético. O fim das coisas é a beleza, como a sua origem é a verdade (...) Criar é ser imperfeito, pois é estéril a perfeição(...) Antes

⁷² Idem, p. 52.

⁷³ Idem, p. 53.

⁷⁴ Idem, p. 62.

⁷⁵ Veja-se: Jorge Coutinho, op. cit. pp. 193-196.

e depois da definição científica temos a poética ou religiosa de outro alcance (...) cuja missão é libertar a vida do nada que a ciência a coloca.”⁷⁶

Pascoaes reitera que a Ciência e a religião oficiais não são, por si só, a última palavra no conhecimento; que as sociedades humanas mudam constantemente quanto à interpretação dos fenómenos, de acordo com o percurso do espírito (naturalmente definidor do ente humano) à procura de si mesmo.

Em suma, podemos dizer que embora se saiba “criticado” no campo da Filosofia, da Ciência e da Religião – como ele próprio explica: “A mim acusam-me de : estragar a autêntica filosofia que é subordinada à ciência, ao microscópio e ao átomo, pois o cosmo só é real trocado em miúdos. O átomo estará mais perto da natureza do Cosmos do que os seus aglomerados? Do que um astro? De estragar a teologia que trata Deus como botânica das flores (...)”.⁷⁷ – o nosso autor conduz a sua reflexão com o objetivo de “abrir a porta” ao perfil do *Homem Universal*: “considerado no seu valor existencial – o valor das suas qualidades sentimentais e intelectuais, vistas à luz de um novo critério, liberto de preconceitos clássicos ou estritamente mecanicistas.”⁷⁸

⁷⁶ Teixeira de Pascoaes, *Homem Universal*, op. cit. pp. 101-100.

⁷⁷ Idem, op. cit. p. 106.

⁷⁸ Idem, p. 3.

Parte II

O Livro Santo Agostinho

*“Entre a escada e a ruela, há um desacordo tremendo, como entre a alma e o corpo. A natureza está cheia de paradoxos e milagres, e o mais curioso é o Santo. Adoro estes espíritos, que passaram, fantasmaticamente, pelo mundo, e vivem para sempre, nos seus atos e palavras. E, porque os adoro, os martirizo”*⁷⁹

Concluído em 1944 e publicado em 1945, o livro *Santo Agostinho* de Teixeira de Pascoaes apresenta-se sob a forma de um conjunto de comentários ao livro *Confissões*⁸⁰, a obra de cariz autobiográfica do filósofo medieval Santo Agostinho (já então conhecido como bispo de Hipona), escrita no século V, unanimemente considerada uma “obra-prima” da literatura filosófica ocidental⁸¹.

Mais do que debruçar-se sobre aspetos biográficos ou interpretativos - da obra mencionada - Pascoaes reformula aqui temas (de obras) anteriores com o objetivo de justificar o diálogo entre a ciência, a filosofia, e a poesia, enquanto plataforma de entendimento para novas amplitudes do conhecimento humano: “Transitemos do homem carnal, foco darwínico de instintos grosseiros e cruéis, para o homem Adâmico, o Homem com letra grande em Jesus Cristo, o espírito criador humanizado. Deus só é Deus, depois de humanizado. Antes disso era um personagem de fábula. É no verbo joanino que Deus aparece realmente. Esperemos nele, que a esperança é a salvação. Salvamo-nos em esperança...O reino de Deus é no futuro...eis a teologia de Paulo,

⁷⁹ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p.23.

⁸⁰ Santo Agostinho, *Confissões*, Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Sousa Pimentel, introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2ª edição bilingue, Lisboa, 2004.

⁸¹ Étienne Gilson, *Introduction à l'étude de Saint Augustin*, 2e éd., 4e réimp, J. Vrin, Paris, 1987.

discípulo de Cristo. Mas o Criador, explicando a Criação, permanece inexplicável. Muito bem! Se assim não fosse, que seria da Poesia? “. ⁸²

A suposta “complexidade” do pensamento de Pascoaes resulta, como veremos, quer da “indeterminação” inerente ao seu modelo existencial quer desta perspectiva poética - que prevalece sobre outras linguagens. Em particular, nesta última fase do seu pensamento, ilustrada pelo biografia do *Santo Agostinho*, como veremos o nosso autor apresenta, sublinha Paulo Borges, “uma cosmo-antropo-teogonia de sentido lúdico teúrgico”⁸³, distanciando-se da noção antropológica que apresenta no *Sentido da Vida*, assumindo a plenitude de um existente que explica a partir de uma *Divindade Transcendente* - aqui definida como *Mistério, Amorfo, Inefável, Nada, Ninguém* - que num ato de desdobramento dá origem à Existência como “complexo de inexistências”.

Todavia, para que não houvesse dúvidas quanto às suas intenções, Pascoaes trata de advertir os leitores no seu *Epílogo*: “Este livro (...) escrevi-o para os ateus inconformáveis ou idealistas, os ateoteístas, os que não cabem no passado nem no presente (...) Não me dirijo aos crentes absolutos ou fanáticos, os milionários da fé e da bem aventurança, mas aos pobres de Deus, que o procuram no deserto da vida”⁸⁴ Escrita sob a forma de um “tratado de Teologia Moral”⁸⁵, vamos encontrar nesta obra uma terminologia original de variegadas proveniências (desde orientais ao neoplatonismo, gnosticismo ou fórmulas filosóficas-científicas), dando um novo significado às temáticas características do pensamento pascoaesiano, onde a inspiração e a intuição se sobrepõe à representação lógico-conceptual da realidade.

⁸² Teixeira de Pascoaes, SA, op. cit., p. 346.

⁸³ Paulo Borges, Da Imperfeição do Deus Criador á Criação/ Revelação de um Novo Eterno Deus-Teogonia, teurgia e Ateoteísmo em Teixeira de Pascoaes. In: *Nova Renascença*, op. cit. p. 439.

⁸⁴ Idem, SA, p. 347.

⁸⁵ Pinharanda Gomes, in Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995, p. 18.

1.Cosmogonia

“O esforço para a compreensão da Natureza explica o progresso do nosso intelecto e o da racionalização ou faculdade crítica”.⁸⁶

O uso de profícuas metáforas cosmogónicas, em particular neste livro, para tentar explicar um processo tão “complexo” como é o de uma possível Origem do universo é mais do que justificado. Uma das metáforas mais expressivas é a que se refere a um *ponto ou impulso* que encerra em si a potencialidade quase infinita de crescer tal como “uma espécie de força adquirida e aumentativa que se intensifica topando resistências, num crescendo prodigioso até ao aparecimento de um planeta”⁸⁷, sendo esta sempre a mesma *energia sobrenatural* a transfigurar-se em tempo e Espaço.

A Origem do Universo, neste autor, inclui dois momentos: “Uma espécie de Origem das origens, ou de primeira Origem” e uma segunda “que se manifesta como dualidade positiva e negativa. Se a primeira Origem é una, simples, absoluta, não o é na sua atividade, considerada também como originária, ou como revelação cognoscível do incognoscível ou zero a ganhar valor quantitativo, por um processo místico matemático, que se perdem no infinitamente pequeno e no infinitamente grande.”⁸⁸ É um ponto de máxima condensação que marca a passagem do imaterial para o material mas em que o “imaterial já não é imaterial e não é ainda material mas uma confusão dos dois elementos, o ingrávulo e o grávulo, é a luta pela conquista da existência no seu instante mais incerto.”⁸⁹ Entre estes dois momentos os limites são indefinidos, esbatendo-se a

⁸⁶ Teixeira de Pascoaes, SA, op. cit., pp. 79.

⁸⁷ Idem, p. 69.

⁸⁸ Idem, p. 123.

⁸⁹ Idem, p. 62.

definição de realidade e irrealidade do cosmos. O Cosmos só é real na sua interconexão com o Princípio primordial e não em si mesmo. Só tem verdadeiro ser dentro desta relação. Por outro lado, *Nada* ou *Zero*, são os termos que usa para se referir ao momento de *não substância* ou o imaterial inicial, antes de se concretizar como mundo. Neste percurso, os seres tornam-se cúmplices num processo de perpétua atualização cosmogónica que Pascoaes faz equivaler a uma viagem de esquecimento e em que a falsa noção de individualidade se torna o motivo da conflitualidade que observamos. Por sua vez, a memória é um aliado importante no readquirir da consciência da unidade, permanecendo potencialmente em cada ente como Saudade: “A memória é o jardim do Éden, a origem das cousas. Daí o nosso culto da Saudade; não desta ou daquela saudade, mas da saudade no infinito ou do infinito (...) a transcendência da sua intimidade idêntica á nossa pois há um ponto em que tudo é o mesmo ser. Nesse ponto a lembrança de uma rosa é também uma Rosa.”.⁹⁰

Neste contexto, constatamos que a representação do mundo, em Pascoaes, se afirma numa cosmo-antropo-teogonia de sentido oscilante: ora num sentido lúdico/ilusório, ora num sentido estético-dramático. Tal representação permite-nos também ver aqui uma possível aproximação a um autor como Platão⁹¹, na medida em que o filósofo grego, no diálogo *Parménides*, distingue entre Uno-puro e Uno-ser. O primeiro é a anterioridade do Princípio em relação ao ser, e do segundo procede a multiplicidade e o próprio mundo inteligível como unidade síntese da diversidade do mundo sensível. Para participar do uno é preciso evidentemente ser mais do que mero uno. Além de uma aproximação à cosmovisão neoplatónica grega (oriunda do platonismo) justifica-se aqui uma aproximação quer à cosmovisão cristã, quer ainda a alguns sistemas gnósticos. A propósito destes últimos invocamos um outro poeta português, Fernando Pessoa, na medida em que este gnóstico assumido esclarece que “o

⁹⁰ Idem. p. 281.

⁹¹ Platon, *Parménide, oeuvres complètes*, tom VIII 1^a partie, texte établi et traduit par Auguste Diès, 3^{ème} édition revue et corrigé, Édition, les Belles Lettres, Paris, 1956, p. 47.

criador do Mundo não é o Criador da Realidade: em outras palavras, não é o Deus inefável mas um Deus- Homem ou Homem- Deus, análogo a nós mas superior.”⁹²

A essência do espírito gnóstico ocupa vários outros autores interessados pelos primórdios do cristianismo como, por exemplo, Hans Jonas (1923-1993). Este historiador e filósofo alemão, autor de vários livros sobre a história da gnose, diz que alguns sistemas gnósticos distinguem o Deus transcendente (que não cria nem governa o mundo) e o Demiurgo ou Deus criador que cria numa co-cooperação infundável de muitos deuses menores. Além disso, não esqueçamos que o termo gnosticismo cobre várias doutrinas sectárias e as teorias contraditórias se referem à influência de Platão sobre o pensamento cristão originário além da própria Cabala.⁹³

Em suma, todas as perspectivas acima referidas representam escolas de pensamento que admitem um Princípio primordial anterior aos seres e aos entes. Neste contexto, o nosso autor parece contrariar, assim, a opção onto-teo-lógica da escolástica e do idealismo alemão, pois como elucida Mafalda Blanc, “na perspectiva meontológica e henológica que corresponde à mais antiga tradição apofática do pensamento ocidental, apresenta-se o Princípio, na sua espontaneidade simplicidade, como uma pura energia fontal, irreduzível ao ser que dela procede e em que delega a iniciativa de autoconstituição. Já pelo contrário nas variantes clássica e moderna, escolástica e idealista da abordagem onto-teo-lógica interpreta-se o Princípio, em homogeneidade e continuidade com o ser.”⁹⁴

⁹² Fernando Pessoa, *Textos Filosóficos*, vol. III, estabelecido e prefaciado por António Pina Coelho, Edição Ática, Lisboa, 1968, p. 458.

⁹³ Hans Jonas, *La Religion Gnostique. Le message du Dieu Étranger et les débuts du christianisme*, traduit de l'anglais par Louis Évrard, Flammarion, Paris, 1978.

⁹⁴ Mafalda de Faria Blanc, *Henologia e Constituição Espiritual do Princípio*. In: *Philosophica* 19/20, Lisboa, 2002, p.321.

1.1. Existência: Entre o Subnatural e o Sobrenatural

A Criação oscila entre um Princípio e um Fim num movimento circular entre “o imaterial inicial ou subnatural, ponto de partida ; e o final espiritual ou sobrenatural, o ponto de chegada que vem ligar-se ao ponto de partida.”⁹⁵ A *Existência* é o processo de conversão do imaterial inicial em material e deste em espiritual através de três etapas (física, química, biológica), sempre com a mesma energia cósmica que se “demora em cada uma destas etapas para exceder-se nas seguintes até se elevar á consciência humana.”⁹⁶ Admitido o primeiro impulso dado à Criação, Pascoaes acrescenta que no evolucionismo transformista não há um plano predeterminado, deparando-se este processo com resistências circunstanciais que exigem um esforço de superação e incentivo ao aperfeiçoamento.

No Cosmos a *quantidade* tem pouca importância, apesar da grandiosidade e imensidão todo o processo se desenvolve em simultâneo, conferindo uma espécie de eterno presente à totalidade da dinâmica universal. O microcosmos espelha numa outra escala o macrocosmos: “Que representa milhões de séculos entre um gás luminoso e a fantasia de Platão? ou esse milhão de séculos de luz que separa o meu escritório da nebulosa Andrómeda. O papel do céu e da terra, contém-nos uma célula do meu cérebro”.⁹⁷ Reforça-se nestas questões e afirmações a ideia de que o Cosmos é a grande obra una e simultânea.

A importância da Matemática na construção Universal é outra das evidências nesta obra. O nosso autor serve-se dos números cardinais e ordinais para diferenciar o aspeto objetivo e subjetivo do Cosmos: “Os cardinais são todos a repetição do número um, e simbolizam a Criação, da unidade cardinal saltamos para a pluralidade ordinal, pois há um sem dois, mas não há primeiro sem segundo”.⁹⁸

⁹⁵ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 62

⁹⁶ Idem. p. 69.

⁹⁷ Idem, pp. 69- 70.

⁹⁸ Idem, p. 90.

De facto, são inúmeras as referências, ao longo do livro, defendendo Pascoaes que: por um lado os processos mecânicos do Universo são repetições sucessivas e cíclicas em formulações matemáticas executadas com os números cardinais; por outro, a ordem Universal (harmonia) é imposta pelos ordinais que constituem o élan entre os fenómenos. Como “não há primeiro sem segundo” esta sequência perfaz no universo acontecimentos irrepetíveis. Trata-se do que denomina por quantidade *objetiva ou anarquia* e qualidade *subjativa ou imanente*, presidindo ao ordenamento harmonioso das partes. O Princípio da excedência ou a virtude de se ultrapassar potencialmente é agora classificado, “como uma qualidade da quantidade, ou o Criador na Criatura.”⁹⁹ A qualidade liga-se ao *Deus-em-si* e a quantidade é um atributo do *Deus manifestando-se*.

A fórmula de um Cosmos que diminui em qualidade ao multiplicar-se em quantidade, é o *ponto condensado* que à medida que se alarga perifericamente perde o poder ativo que tinha inicialmente. “Todos os grandes poetas se tornam naturalmente, fatalmente, críticos”, afirmou Charles Darwin (1809-1882). Seguindo esta ordem de ideias, Pascoaes classifica a tese de Darwin como parcial por se ater somente aos factos do mundo físico, sem ter em conta o *Princípio de excedência*, nem explicar o aparecimento de um ente capaz de arte ou religiosidade, ou seja, não explica como é que “indo além de si próprio o réptil ganhou asas e o velho orango se humanizou fugindo da origem das espécies para a Bíblia”.¹⁰⁰ O homem, como síntese evolutiva, reúne em si transitoriamente “o objetivo e o subjetivo, o número cardinal e o ordinal, a desordem corpuscular e a ordem planetária, o ruído das explosões e a música das esferas, a fatalidade e a liberdade, o mal e o bem.”¹⁰¹ Por sua vez, Deus Transcendente aparece “como conceito pitagórico, é o número *Um*”, e os vários números concretos dão o Universo. O Deus que se gera no próprio progresso universal multiplica-se em duas perspetivas, o abstrato e o concreto. A dinâmica criativa processa-se numa incessante destruição do velho ou *lei estabelecida*, pela *tentação da novidade*, como constitutiva deste dinamismo. A Natureza é mais que um conjunto de seres existentes e viventes e possui no seu conjunto uma *auréola psíquica*, uma “paisagem musical ou ordinal”, com

⁹⁹ Idem, p. 91.

¹⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰¹ Idem, p. 92.

o profundo significado de ser a expressão artística do Criador - reiterando Pascoaes, desta maneira, a sua aritmosofia de inspiração pitagórica heterodoxa.¹⁰²

Pascoaes começa por desenvolver o conceito de Lei como sendo “(...) uma espécie de entidade exterior e anterior aos fenómenos que ela pretende regular, pondo em acordo o passado com o futuro, o tempo ao serviço duma evolução criadora.”¹⁰³

O Ser e a Lei que o regula são a mesma ação dentro de uma ordem construtiva. Embora a lei presente na *Existência* pressuponha um legislador oculto, deixa entender que só no Universo, intermédio entre um princípio e um fim, é que há leis naturais, não existindo no *Imaterial inicial* nem no produto espiritual final. A lei desaparece nos seus extremos e só “apareceu ou parece aparecer com o grávido”.¹⁰⁴

Para lá da lógica aristotélica e da geometria euclidiana, admite o enlace de forças contraditórias e construtivas num “movimento absurdo ou subordinado a duas lógicas diferentes”¹⁰⁵. Essa co- implicação dos opostos é responsável pelo aparente paradoxo que se observa, não dando lugar a factos puros e bem delimitados.

As palavras e os números são seres vivificados pela criatividade humana e requerem permanente atualização para acompanhar a renovação dos acontecimentos. A linguagem acompanha o desenvolvimento. Por isso, ainda é pobre como símbolo da realidade. O futuro trará uma transfiguração ideológica e linguística, em que a linguagem terá uma diferente e adequada simbologia para expressar um pensamento, também ele mais sofisticado: “Quando falaremos a linguagem verdadeira? Talvez não seja falta de vocábulos, seres grosseiros e carnavais carregados de heranças hieroglíficas ou do tempo das cavernas, mas de puros signos abstratos ou de uma qualidade transcendental (...)”.¹⁰⁶

¹⁰² Paulo Borges, *Princípio e Manifestação*, op. cit. p. 66.

¹⁰³ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 40.

¹⁰⁴ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁵ Idem, p. 43.

¹⁰⁶ Idem, p. 48.

2. Antropologia

“*Quem és tu? (...) Quem é que fala?*”¹⁰⁷

A propósito da temática antropológica que o nosso autor começa a desenvolver no artigo *O Sentido da Vida*, refira-se que o livro *Santo Agostinho* (1944) vem acrescentar uma nova ideia, ou seja, e para usar as próprias palavras de Pascoaes: “somos, paisagem, edifício, inquilinos”.¹⁰⁸

O homem é paisagem ao conter em si a síntese das metamorfoses de todos os reinos passados; e edifício na sua forma física indistinta da restante biologia que alberga; *inquilinos* (ideias e instintos) como “personagens que representam forças naturais sobrenaturalizadas, através do ser humano que recebe delas a impressão ambiciosa de que é um ente absoluto, o ego dos latinos.”¹⁰⁹ A estes “inquilinos” chame-lhe também “o senhor fulano”, relembrando-nos que criamos a nossa própria fauna psíquica: “O nosso eu contempla este mundo, atarantado, espantado como estranho a tudo. É ainda uma criança, o princípio de uma entidade, e cada ego, aspira o Senhor absoluto e não admite que o seu vizinho acalente a mesma aspiração. É ele e só ele e mais ninguém!”¹¹⁰ A ação conjunta destes três elementos configura o eu individual.

Se no artigo acima referido, *O Sentido da Vida*, Pascoaes expunha um movimento (da ponderável matéria nervosa cerebral para a imponderável), parece apresentar agora um movimento contrário, ao dizer que são os sentimentos e as ideias que “determinam as nossas atitudes e são o sujeito a objetivar-se, o imponderável a pesar, o imaterial a

¹⁰⁷ Idem, p. 337.

¹⁰⁸ Idem, p. 52.

¹⁰⁹ Idem, ibidem.

¹¹⁰ Idem, ibidem.

expandir-se materialmente, ou erupções do tempo no espaço ou da vida na existência.”¹¹¹

A personalidade humana é o resultado dessa atividade conjunta cujo efeito desordenado no atual estado evolutivo se torna a causa dos conflitos individuais e sociais. Diz o nosso autor que são as emoções descontroladas que dominam o homem – um ser dotado de uma capacidade crítica ainda em “embrião” - ao invés de ser este a dominar o seu psiquismo: “Somos pessoalmente o nosso eu racionalista, abstrato e a concretizar-se; fictício e a tornar-se verdadeiro, imagem a corporizar-se, em perpétua luta contra os seres emotivos. O seu poder é quase nulo. E é nele, todavia que vislumbramos a nossa liberdade. Seres emotivos representam a produção desordenada dos seres psíquicos mais pelas emoções do que pelos pensamentos refletidos”.¹¹² E acrescenta: “É guerreira a nossa origem; e em nós persistem, as tendências agressivas e defensivas (...)”.¹¹³ Esta “teoria das emoções”, bem ao jeito de uma certa filosofia e psicologia da sua época, defende que o ser humano é (por elas) influenciado, mas de uma forma caótica, impondo-lhe um “estado moral confuso, as contradições misteriosas, o sim e o não em conflito, as lutas emotivas em que nos debatemos até á angústia”.¹¹⁴ Pascoaes encontra assim a explicação para a frase de S. Paulo: “não faço o bem que quero, mas sim o mal que não quero,” ou a de Arthur Schopenhauer (1788-1860) que diz ser o homem livre para fazer o que quer, “mas não para querer o que quer.” No contexto deste tema discussão claro que não podemos esquecer a influência das Teorias de Sigmund Freud (sobre a estrutura do psiquismo e a génese do que definiu como “Ego”), pondo em causa a “autonomia” do subjetividade pensante concebida como consciência plena de si.

¹¹¹ Idem, p. 53.

¹¹² Idem, pp. 68.

¹¹³ Idem, 133.

¹¹⁴ Idem, pp.59.

A História da humanidade, pela sua característica bélica ao longo dos séculos, personifica os conflitos individuais, como descreve Pascoaes, agora alargados a um *Eu coletivo*. Deste modo, sugere uma disciplina com o nome de *Super Biologia* que exponha esta natureza sobrenatural, tendo em conta que o biológico só por si apenas *existe*, mas o animal é bio e psíquico e além de existir também *vive*. Neste contexto se compreende que o nosso autor lance esta curiosa interrogação: “Se a Super-biologia é a transcendente ampliação da biologia, não será a Física uma infrabiologia?”.¹¹⁵

“O homem é todos os animais menos ele”, diz Pascoaes em jeito poético. Mas filosoficamente será o *Homem Adâmico*, com a sua consciência crítica e abrangente, que vai constituir o momento de libertação do determinismo mecânico das leis biológicas. Adão e orango, habitam no mesmo ser humano que oscila entre a sua herança biológica e a forma mais perfeita ou Adâmica impulso corretivo da sua outra forma mais imperfeita. Ora, aquilo a que chamamos consciência, aparece aqui caracterizada como “dom do Ego”, ou seja, como visão crítica das coisas e, como tal, com pretensões a ser o “centro unificador”. O que a evolução humana mostra, para este autor, é que este Ego controla a “turba desordenada” e ao fazê-lo tem o dom de a traduzir em fenómenos de natureza estética e ética.

Trata-se aqui de um tipo de humano que configura o Criador-Redentor, *o espírito criador humanizado* ou o homem divinizado, simbolizado na figura de Cristo e idealmente na figura de *São Francisco*. Todavia, este Sobre-humano de Pascoaes difere do Super-homem teorizado por Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*¹¹⁶. O primeiro representa a esperança num mundo melhor, ao invés do segundo que é o pessimismo do niilismo ou a inutilidade de se viver para nada.

Mas no presente ciclo evolutivo, para o nosso autor, “quem governa não é o nosso eu, é a plebe sentimental, dirigida por dois chefes: o ódio e o amor, e vários subchefes, a vaidade, a cobiça, a inveja, a modéstia, o desinteresse¹¹⁷. E tudo isto porque, afinal de contas, se “a fraqueza da consciência é toda a força da nossa

¹¹⁵ Idem, p. 142.

¹¹⁶ Nietzsche F., *Assim falava Zaratustra*, Guimarães Editores, 2010.

¹¹⁷ Teixeira de Pascoaes, SA, op. cit. p. 73.

fantasia”¹¹⁸, jamais abandonamos o duelo shakespeariano entre o Ser e o Não Ser - que Pascoaes tão bem aqui põe em encena.

2.1. História Natural e Humana: Evolução de Instintos para Ideias

A indefinição percorre todo o ciclo transformativo: desde o átomo (existente), até à célula (vivente), dos minerais ao homem. Um *quase* impede a formalização completa seja do que for, ao mesmo tempo que aproxima os acontecimentos mais dispares e distantes: “É uma distância temporal quase infinita e uma quase não distância espacial. Um quase em que se irmanam o físico e o psíquico, o espaço e o tempo, o princípio afirmativo e o negativo (...)”.¹¹⁹

Nesta ordem de ideias, o pensador do Marão explica a *Existência* como tendo em si impressa uma memória sintetizadora. Em cada processo inicial, infinitamente grande ou pequeno, há uma revisitação do passado. Facto que pode ser observado no desenvolvimento do feto antes de alcançar a sua forma humana completa. A partir daqui estabelece uma analogia entre este acontecimento e o Psiquismo humano de que é exemplo a crueldade infantil: “Uma lembrança abstrata mas animada, embora distante dessa idade, em que ela já foi um processo natural de conquista e defesa do nosso corpo. E de lembranças mais vagas e remotas derivam certas ideias que ultrapassam os domínios da nossa inteligência.”¹²⁰

Curiosa também é a sua referência aos rostos humanos que, nas suas expressões, denunciam esse passado longínquo: “Quantas caras de pescada passam por nós na rua! Como naquele semblante de mocho ateniense, se desvenda a deusa da ciência, por mais ignorante que ele seja, por mais asneiras que diga à mesa de um café”¹²¹, evidência que verifica nas relações sociais, onde os temperamentos espontâneos são os que espelham a verdadeira natureza psíquica: “Os temperamentos espontâneos estilhaçam o mármore

¹¹⁸ Idem, p. 167.

¹¹⁹ Idem, p. 130.

¹²⁰ Idem, p. 133.

¹²¹ Idem, p. 134.

porque quem nos domina são os instintos ainda bárbaros ou selvagens e o nosso eu faz uma triste figura de rei”.¹²²

Por isso, a Saudade pode ser uma “lembrança dessa unidade a persistir no pluralismo a fim de o dominar e orientar” e o psiquismo humano “a soma dos instintos pessoais e ancestrais, e a soma das ideias”¹²³. Todavia, fica-nos a dúvida se este “somatório das ideias” se reporta a todas as ideias criadas pela humanidade no seu todo ou apenas às que correspondem ao universo pessoal de cada um - ou ainda, se inclui as duas situações.

Por outro lado, Pascoaes defende que o psiquismo tem um *lodo genésico* - à semelhança do mundo biológico - e que é o conjunto de instintos que forma a subconsciência, ou seja, “uma espécie de eu anónimo”, distinto da consciência (eu). Esta última constitui a entidade ideal (eu racional), enquanto “soma dos terrores provenientes da biologia”, personifica-se no *medo* e sustenta a sensualidade, o amor, a crueldade, o ódio. O ser humano “é o único animal admirado de existir (...) o que o afasta dos outros animais”¹²⁴, mas isso também não impede que a maioria dos homens, segundo Pascoaes, estacione na sua personalidade que como mero ator adaptado às circunstâncias é fictícia.

Mas o homem não se satisfaz com ideias construídas para uma circunstância. É na dor e na alegria concreta - nos dois opostos (de que advém a lembrança e a esperança, ou o passado em síntese como presente de onde nasce o futuro) - que se encontra o móbil do progresso. Agostinho de Hipona, Schopenhauer, Dostoiévski, pretendem penetrar o íntimo das coisas através do conhecimento de si próprios. Neles se exemplifica aqueles que têm em si a *Fé infusa* e a *Razão esclarecida*, dois tipos de conhecimento que Pascoaes vai unir como conhecimento racional-emotivo na pessoa do poeta-filósofo: “A Fé infusa, é a névoa mística ou o ponto de contato com a última transcendência, e a Razão por si só, despreza o remoto e entretém-se a esculpir o que está próximo ou dentro do seu alcance.”¹²⁵

¹²² Idem, p. 138.

¹²³ Idem, p. 146.

¹²⁴ Idem, p. 238.

¹²⁵ Idem, p.239.

3. Gnosiologia

*“Alargamos a área da razão à custa de esforços inauditos. Assim nos adaptamos a conceitos novos, que se nos afiguravam inadmissíveis”*¹²⁶

As almas são pré-existentes, defende Pascoaes. Todavia, aprofunda-se aqui claramente a distinção entre dois tipos de alma: uma interior às células e responsável pela organização da forma, e outra exterior que deriva do *Princípio de excedência* aplicado ao psiquismo. Nas suas palavras: “uma faz o corpo e a outra é feita pelo corpo. Aquela é a própria ciência orgânica em ação, esta é filha dos sentidos e da análise do meio físico e moral, ou de sensações submetidas a um espírito crítico, o mesmo espírito criador já humanamente consciente”.¹²⁷ Daqui deriva a sua especulação entre o sub-racional e o irracional. Este último é inconvertível em racional, enquanto o sub – racional é convertível em sobre-racional, e está associado à transfiguração do *homo vulgar ou Lineu* em adâmico: “A faculdade racional é essa fantasia arrefecida (...) entretém-se no labor egoísta ou aproveitável. Analisa e sintetiza, compõe e descompõe as formas até se perder numa confusão de corpúsculos e vibrações ondas e sinos de probabilidade (...). No homem o sub é capaz de converter-se em sobre (...) eis o sinal adâmico”.¹²⁸ Tudo isto inclui a passagem de um tipo de pensamento (inerte e repetitivo) para a racionalidade (capacidade de ver o mundo próximo) e desta para a *Fantasia* ou

¹²⁶ Idem, p. 36.

¹²⁷ Idem, p. 149

¹²⁸ Idem, p. 148.

Arte. O primeiro exemplo desta capacidade de arte ou fantasia no homem é-nos dado, segundo Pascoaes, pela invenção do vestuário: “O vestuário é o nosso corpo verdadeiro. O outro o de carne lívida a nós próprios nos amedronta”¹²⁹. Foi para esconder a sua origem biológica que o homem se “artificializou” no vestuário, marcando assim a sua fuga permanente para a dimensão espiritual.

No nosso autor, a dinâmica existencial toma a forma de um ato lúdico divino e não é passível de ser captada pela via comum do entendimento. Ela exige o que chama de *sub e sobre* entendimento. Partindo da frase agostiniana, “se não me perguntares o que é o tempo, eu sei o que é o tempo; mas se me fazem tal pergunta eu não sei o que é”¹³⁰, conclui que é mais fácil subentender ou mesmo sobre entender do que entender porque o “homem, de ordinário, está acima ou abaixo da verdade, ou no lugar da ilusão e da mentira.”¹³¹ O sub e sobre entendimento aproximam-se mais do sentir que do entender e permite perceber no mundo fenoménico a unidade da identidade e da diferença. Estes temas além de racionalizados, são ainda abordados por Agostinho pela via da *Inspiração e Iluminação* – e o nosso autor acolhe-as como formas de apreender o mundo sem o estatuto de menoridade a que estão vinculadas: “Agostinho pensava dentro do cérebro onde reside a consciência; e imaginava fora dele, que a imaginação é uma espécie de pensamento em pleno espaço; liberto da razão crítica de Sócrates, de Descartes e de Kant (...). A razão nascida dos sentidos, visa, antes de tudo a conservação do indivíduo, quando não trata de o destruir do modo mais horroroso. Inventou o metro e a balança, mas a Fantasia, essa Cósmica energia humanizada; apodera-se do metro ou balança, e quer pesar os astros e o firmamento,” é o húmus da arte.¹³² De facto, a Inspiração é a verdadeira “força cósmica” porque justamente se concebe espiritualizada e humanizada e o iluminado, por sua vez, é um “espírito exaltado” nessa “alucinação prodigiosa” em que o seu mundo interior se transforma ao ser exteriorizado – concretizado numa manifestação estética ou ética.

¹²⁹ Idem, p. 194.

¹³⁰ Idem, p. 93

¹³¹ Idem, ibidem.

¹³² Idem, p.220.

3.1. Excedência, Incerteza e Contradição

Haverá morte e vida, ilusão ou realidade? Pergunta Pascoaes, As questões não são novas. São eternas questões, da história do pensamento filosófico, como sabemos. Mas estas questões também se colocam noutras áreas do conhecimento, nomeadamente nas “ciências da natureza”. “Não há vida nem morte, nem luz, nem trevas, nem mal, nem bem, mas qualquer coisa que vive e morre, que é luminosa e escura, boa e má, não por índole própria mas devido a circunstâncias imprevistas num dado lugar e num instante. Essa qualquer coisa escapa-se á nossa apreensão e compreensão; talvez seja um quase nada”.¹³³ Nestas palavras Pascoaes coloca o seu *Princípio da identidade incerta*, que reforça com as ideias provenientes do desenvolvimento da Física quântica¹³⁴. Esta vai trazer implicações na forma como vemos o mundo mostrando que o sujeito interfere naquilo que está a observar e que há vários resultados possíveis para uma observação, cada uma de igual probabilidade. De facto, o postulado do Princípio da Incerteza de Werner Heisenberg, corresponde à sua observação de que “há um ponto originário em que o nada e alguma coisa se misturam e é impossível distingui-los ou separá-los ou impor a cada um deles uma atitude imóvel, capaz de ser analisada. Nesse ponto é que o material e o imaterial coexistem enganando-se mutuamente, de maneira que mal surpreendemos a materialização de uma partícula, logo esta se materializa em onda como a onda se materializa em corpúsculo. Também a probabilidade e a certeza coexistem.”¹³⁵ Quer isto dizer que toda a existência é coexistência, porque viver significar partilha e convivência e a existência não passa de “uma ilusão da grandeza, um vago conceito de totalidade”.¹³⁶ As consequências deste pressuposto permitem a “conversão recíproca do mal e do bem”, mostrando aqui, mais uma vez, uma

¹³³ Idem, p.196.

¹³⁴ Assunto abordado por Ilídio Sardoeira, In *Ciência Filosófica e Homens*, Studium Generale, Atas do I colóquio de Estudos Filosóficos, vol. VIII tomo 1º, Porto,1959.

¹³⁵ Teixeira de Pascoaes, Santo Agostinho, op.cit. p. 229.

¹³⁶ Idem, ibidem.

aproximação do nosso autor a Santo Agostinho - que admitia a presença e a ausência simultânea, o *est non est*, duas forças, ativa e reativa, o que dá “uma espécie de bem maléfico ou mal benéfico”.¹³⁷

Por outro lado, Pascoaes vai substituir o primeiro princípio lógico e ôntico da metafísica e da lógica clássicas (o princípio da identidade e não contradição) pelo princípio da identidade e contradição complementares afirmando que “o princípio tradicional de identidade- A é A, é falso. O verdadeiro é : A é A e não A”.¹³⁸ Conjuntamente com o Princípio de excedência, são estes os atributos basilares em que fundamenta no plano teológico o ateísmo e no plano gnosiológico põe em causa a possibilidade de um conhecimento definitivamente conclusivo.¹³⁹

Todavia, os paradigmas epistemológicos não são eternos, como mostraria o físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn¹⁴⁰ (1922-1996), e os critérios de validação do conhecimento e da verdade também não. O que parece concordar com as questões lançadas por Pascoaes, em jeito de desafio: “ Que é a verdade? Um produto do nosso labor intelectual? Uma obra científica e artística? A Ciência artística do homem coincidindo com as das cousas? Sim mas dentro de certa área, pois a razão humana é limitada e parece impor os limites à própria realidade.”¹⁴¹

“Haverá uma verdade transcendente ou verdades subjetivas?”. Ao colocar estas questões com frontalidade, Pascoaes afirma-se convicto num mundo objetivo, independente da subjetividade do recetor: “Creio que todas as cousas fotografáveis pela

¹³⁷ Idem, pp. 208-209.

¹³⁸ Teixeira de Pascoaes , *Duplo Passeio*, in Obras Completas X , organização de Jacinto Prado Coelho, Bertrand, Lisboa, 1975, p. 232.

¹³⁹ Adotamos a nomenclatura usada por Paulo Borges que interpreta os três princípios numa relação interdinâmica mais de acordo com a fórmula de um Uno que se plurimorfiza sem perder a unidade. Veja-se a propósito: Paulo Borges, in *Princípio e Manifestação; Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, 2008; Por sua vez, um autor como Coutinho apresenta esta articulação como: Princípio da contradição, Princípio da Excedência e Princípio da incerteza. Cfr. Jorge Coutinho, *O Pensamento de Teixeira de Pascoes*, Braga 1995.

¹⁴⁰ Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Guerra&Paz, Lisboa. 2009.

¹⁴¹ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit.p. 218.

nossa visão consciente, possuem uma substância própria e estão nas sensações que nos provocam como simples fotografias. Têm um valor próprio e geral”.¹⁴² De facto, parece haver uma *Verdade Transcendente* presente em todos os entes, mas esquecida no seu inconsciente. Todavia, na sua condição relativa os entes não alcançam a perspectiva Transcendental, somente a arte e o artista nos momentos de inspiração permitem tal aproximação. Essa verdade parece surgir na forma de enigmas e o esforço para os decifrar é o impulsionador do desenvolvimento do intelecto e da faculdade crítica. A decifração dos enigmas assume dois movimentos de busca; o expansivo ou analítico e o concentrado ou sintético: “A síntese sai da análise, como do caos a harmonia”.¹⁴³ A natureza como que se oculta, desvendando-se ou não, conforme a intenção que preside ao investigador. Ocultam-se sobre um véu que é preciso desvendar conforme o símbolo da *Ísis sem Véu egípcia* (um corpo branco a sair de uma túnica negra) (...) é no criador, esse espírito e alma, esse matemático e artista sobre e subjacente às suas criações que descobrimos a Verdade a Isís dos egípcios desnudada. Isís sem véu ou Mentira-criadora são duas das expressões com que traduz a relação homem-natureza.¹⁴⁴ *A realidade é a verdade transcendente e a verdade é realidade imanente*, e o homem nela, a consciência ainda perdida nas trevas. As verdades relativas perfazem a mentira-criadora, ou seja, a Existência. Em suma, Razão, Fantasia, Sonho, Imaginação, apenas se completam e se compreendem à luz dos princípios anteriormente enunciados.

¹⁴² Idem, p. 78.

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ Idem, ibidem.

4. Religião e Ética

“Não me dirijo aos crentes absolutos mas aos que o procuram no deserto da vida”¹⁴⁵

É com fundamento na dinâmica existencial, tal como a explica, que se percebe o verdadeiro alcance das suas especulações religiosas e éticas. Se o princípio de identidade incerta e contraditória e o princípio de excedência, impulsionadores desta dinâmica, como vimos, não permitem que no mundo humano “estacione” em conclusões definitivas, então não há lugar para os dogmas, nomeadamente os religiosos.

De facto, aquilo que, em Pascoaes, se pode perspetivar do ponto de vista de uma teologia filosófica, desenvolve-se em dois momentos articulados: A necessidade de uma renovação conceptual da ideia de Deus e uma interpretação histórica e cultural dessa mesma ideia. Por outro lado, se neste livro usa a terminologia das teologias tradicionais, o seu significado é contudo diferente - o que resulta numa heterodoxa interpretação das religiões em geral e do cristianismo em particular.

Neste livro, o símbolo do calvário reconfigura a metáfora da Divindade que sacrifica a sua própria onipotência e se gera e cria no próprio progresso universal, imprimindo à Criação esse sacrifício redentor. A Cruz simboliza o corpo (os braços abertos horizontalmente de forma paralela à terra) e a alma (no braço vertical símbolo

¹⁴⁵ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 347.

da ascensão espiritual interna e de regresso à Origem). A imagem do homem e a humanidade do corpo encenada nos braços abertos que acolhem, revela o poder do símbolo: “O abraço de despedida e a ascensão. A tragédia do Calvário é o instante super-histórico da História, como o drama da consciência é o instante superbiológico da Biologia. O Cristianismo, com o símbolo da Cruz no Gólgota, completa a imagem do Homem, ele torna-se a forma física aperfeiçoada, imbuída pela alma(...)”¹⁴⁶.

Por sua vez, a dor e o sacrifício, como motores do transformismo evolutivo, ligam-se ao momento em que o *Nada-mesmo* se converte em *Tudo-outros*, o ato divino ateoteístico fundador de teísmos e ateísmos. Pascoaes liga o ateoteísmo humano a este momento. Recorde-se que todos elementos da Existência, desde o mineral ao homem, são expressões do ato criativo do Criador e acusam o mesmo verbo duplamente ativo e contraditório - que no homem se torna “o verbo dos ateoteístas.” Como refere de novo Paulo Borges: “Pascoaes estende este conceito à própria Divindade no seu duplo sentido, quer como irrelação do Deus/Nada, absoluto a sê-lo/ sabê-lo, quer enquanto como tal se nega e anula, des-fazendo-se no fazer-se Deus criador do mundo. O sentido iniciático de um ateoteísmo humano que aponta a cumplicidade do afirmar e negar um Divino que o é não o sendo.”¹⁴⁷ Desta forma, traz um Deus que *não o é absolutamente*. “É ele (Criador) que se corrige através da criatura”¹⁴⁸, diz Pascoaes. E Cristo representa o momento em que a Divindade consciencializa a sua obra e se redime tornando-se Criador (Redentor) num duplo sentido: como divinização do homem e humanização de Deus. Numa outra fórmula, Cristo aparece como *Homem Adâmico*, aquele que tem consciência da Divindade subjacente ao mundo fenoménico, com a responsabilidade acrescida de colaborar no transformismo geral.

Neste percurso, as almas anteriores a si mesmas assumem formas e exacerbam uma individualidade separativa nos reinos existentes, para nos viventes se encaminharem progressivamente para a consciência dessa unidade. Por isso, a memória Saudosa é um aliado importante no readquirir dessa consciência: “A memória é o jardim

¹⁴⁶ Idem, p.308

¹⁴⁷ Paulo Borges, *Princípio e Manifestação e teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, op. cit. p.117.

¹⁴⁸ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 290.

do Éden, a origem das cousas. Daí o nosso culto da Saudade; não desta ou daquela saudade, mas da saudade no infinito ou do infinito (...) a transcendência da sua intimidade idêntica á nossa, pois há um ponto em que tudo é o mesmo ser”.¹⁴⁹

Em termos culturais, como sabemos, o ateoteísmo diz respeito a um próximo passo (religioso) na civilização humana consubstanciado na união do naturalismo pagão e do cristianismo - dois cultos separados entre si, e que Pascoaes exemplifica: quer através de do vaticínio de Nietzsche sobre a morte de Deus, quer através de São Paulo, ou seja, como a personificação do ateísmo e do teísmo respetivamente

A verdadeira obra religiosa é aquela que conduz ao Homem espiritualizado. O movimento chave da evolução humana começa no pensamento e, por isso, defende a harmonização da ideia de Deus com os novo conceito acerca do universo: “a ciência divina não pode ficar atrás da humana.”¹⁵⁰ O conceito de divindade já não cabe no seu arcaísmo, é preciso o homem libertar-se dele, apesar da dificuldade da tarefa por conta dos poetas: “Como custa libertar Deus de Deus, de Jeová, de Júpiter, de Alá! Lidar com velhos temas que já nada exprimem, galvanizar múmias é a tragédia dos poetas.”¹⁵¹

A este o *velho Deus* das teologias tradicionais, diz o nosso autor, deve-se opor o *novo Deus* que classifica como *existente e vivente*. Este último, mais de acordo com a *substância íntima do ser Universal*, significa a necessidade de vivificá-lo com uma atitude criativa e atenta ao mundo em renovadas formas de expressão (artística, religiosa, filosófica ou científica) e também na contemplação individual. De facto, quando Pascoaes fala de Nietzsche a propósito da morte de Deus, diz que o filósofo alemão “rigorosamente não matou Deus; apenas verificou e proclamou um Deus há muito moribundo”¹⁵². O tema do envelhecimento e da morte de Deus já fora tratado por outros autores como, por exemplo, Guerra Junqueiro em *A Velhice do Padre Eterno*, uma obra de 1885. Isto significa que Pascoaes partilha com a geração do seu tempo um compreensível e moderado anticlericalismo, como sublinha Coutinho.¹⁵³

¹⁴⁹ Idem, p. 281.

¹⁵⁰ Idem, p. 178.

¹⁵¹ Idem, p. 141.

¹⁵² Jorge Coutinho, *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes*, op. cit. p. 103.

¹⁵³ Idem, p. 123.

A permanecer encerrado nos dogmas teológicos Deus só pode ser concebido como *Deus morto*. E nesta ordem de ideias o Ateoteísmo implica, “uma certa descrença em relação às crenças”, exigindo a ideia de um *Deus dramático e vivo*, e a necessidade de cada homem na sua busca racionalizar o sentimento. O nosso autor afirma, assim, o valor mitológico de Deus (idealização) e interpreta o mito, não como o fruto da incapacidade humana explicar o desconhecido, mas como um testemunho simbólico portador de uma verdade que necessita de ser valorizada dentro do contexto contemporâneo, passando “a sobrevivência de Deus por essa operação transmutificadora ou em busca da trans-significância do mítico - que é ao mesmo tempo uma busca do seu verdadeiro rosto e uma ação purificadora da ideia em que a tradição cultural primeiro o fez viver, para com o desgaste do tempo o fazer perecer. Isto permite dizer que Pascoaes vê na Grécia antiga a concretização do ideal estético e no Cristianismo o aperfeiçoamento moral, sendo passo seguinte na civilização humana a união desses momentos como futura religião que marca a recuperação da consciência do supranatural e da mitologia.

Para Pascoaes cada época tem a sua razão de ser e igual importância: “Os artistas possuindo o culto da existência, ambicionavam dignificá-la e embelezá-la conforme o protótipo idealizado. Se não temos ainda o homem, temos a sua estátua. Os artistas da Grécia realizaram o individuo eleito, deram-lhe uma forma, que sendo humana atinge a Divindade. Fidias esculpindo corpos, foi o precursor de Paulo o escultor de almas. Sim a Mitologia é que é o velho testamento”¹⁵⁴. De facto, ao fenómeno religioso liga-se a evolução da Estética e da Ética, que se apresentam correlacionadas ao longo da História. O paganismo é a revolução estética e o cristianismo a revolução moral e da sua fusão nasce a futura religião: a que empresta o símbolo, ou seja, o “corpo de Fídias, com uma alma de Paulo”¹⁵⁵. Convicto de que “a religião não será destruída mas excedida” vê no cristianismo um novo aspeto religioso que fez aparecer a lei moral, a crítica, a filosofia o socialismo e o ateoteísmo¹⁵⁶. Neste contexto, sublinha o nosso autor, a igreja católica

¹⁵⁴ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. pp. 307-308.

¹⁵⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁵⁶ Idem, pp. 186-187.

repudia certos misticismos como se fosse heresias, como é o caso do *Cântico ao Sol* e o *Soneto ao Crucificado*, figuras exemplares dos momentos cruciais do percurso cristão. São Francisco de Assis e, no século XIX, o filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860) exemplificam também o inegoísmo humano ao incluírem a mensagem cristã na sua metafísica, onde todos os seres são concebidos como iguais perante Deus. Estes dois autores antecipam desta maneira a futura Supra- teologia de Pascoaes.¹⁵⁷

Um dos símbolos mais expressivos de que o nosso autor se serve é o boi que aquece o menino no presépio, sem o qual “morreria de frio o Cristianismo recém-nascido: “Da sua boca sai o Evangelho de Cristo, num Mugido. Este mugido, posto em linguagem articulada, fecharia todos os açouges”.¹⁵⁸ Por outro lado, fazendo a ponte entre o sagrado e o profano, o boi Ápis é também símbolo da condição humana: “Miseros deuses à semelhança do boi Ápis. Inconsciente da sua própria divindade, o boi suja-se na sua própria bosta.”¹⁵⁹ A primeira imagem, representa a união fraternal do cristianismo para com a totalidade dos existentes e a segunda, a natureza humana que sendo oscilatória, ajusta a explicação dos fenómenos á sua relatividade racional: “Não matamos a criação num esquema abstrato matemático? É o nosso espírito a tentar definir as coisas recriando-as (...)”.¹⁶⁰

O Ateoteísmo de Pascoaes sublinha esta relatividade, ou seja, as interpretações parcelares e a necessidade de um constante exercício reflexivo, visando a atualização dos conceitos de acordo com a dinâmica existencial. Esta não é sinónimo de instabilidade mas atividade onde todos os aspetos são suscetíveis de serem atualizados dentro desta: “Que é Deus no espírito de um crente absoluto? A sua própria sombra num claustro marmóreo. Deus tem de ser afirmado e negado pois afirmar e negar é a própria ação espiritual ou liberdade de pensamento que não suporta a certeza fácil e por isso quando afirmamos desaparece. Deus é uma probabilidade representada por um sim sobre um número de não's incalculáveis. Mas o sim brilha inextinguivelmente no meu espírito. Os não's passam por eles como sombras (...) temos o Criador e a Criação, a

¹⁵⁷ Idem, p.172.

¹⁵⁸ Idem, p. 326.

¹⁵⁹ Idem, p. 325.

¹⁶⁰ Idem, p. 300.

ausência de Deus no infinito, e a sua presença naquela flor ou naquele pássaro a cantar. É Deus lá e aqui. Este aqui abrange a via Láctea, e o Lá principia onde finda tudo, e onde o nosso pensamento se expande ainda, mas já em sonho ou na sua ausência mais volátil. Mas todo o Universo é aqui, ou no espaço compreendido pela nossa inteligência. E lá é Deus, uma hipótese que, ora ultrapassa o seu sentido enchendo-se de certeza, ora o não alcança esvaziando-se. E, por isso Deus aparece quando o negamos e quando o afirmamos desaparece. Nem demonstramos o sim, nem o não da sua existência. Chegamos à negação afirmativa ou à afirmação negativa. A negação participa da afirmação e vice-versa (...) viver e morrer, ser e não ser, crer e descrer, é o mesmo verbo duplamente ativo e contraditório.”¹⁶¹ Esta longa citação do livro *Santo Agostinho*, demonstra bem a natureza da Supra-Teologia que inclui todos os seres e não somente os humanos. Onde estiver o ser humano estão todos os seres. E o próprio Cristo ressuscitou no Santo com uma alma nova, alma de Redentor infinito, ou seja, supra-teológica.

As questões éticas neste livro são discutidas em relação ao dilema agostiniano da reconciliação entre o mal e a perfeitibilidade divina. Pascoaes remete a causa desta questão para a lógica da ateoteística contradição, surgida no momento em que o *Amorfo Inicial* perde a neutralidade ativando-se em dois sentidos completamente diferentes (positivo e negativo), e a vida passa a incluir um dualismo que adquire no homem expressão moral (Bem e Mal). Nestes termos, também a natureza moral do homem não é mais que “a outra natureza trabalhada pelo tempo”¹⁶².

Agostinho estabelece entre o mal e o bem dois princípios distintos. Pelo contrário, Pascoaes diz que há entre eles “o mal bondoso e o bem maldoso (...) e as suas mil nuances que fogem à observação da nossa consciência, mas estabelecem, como a penumbra da tarde, uma transição harmoniosa, da mais profunda tristeza, para a alegria mais etérea”.¹⁶³ Aparecem na segunda Origem como dualismo negativo e positivo (a origem do mal e do bem) estas duas energias, cada uma estéril em si mesma. Mas podem ser criadoras juntas. Nesta orgânica, Mal e Bem e todos os elementos

¹⁶¹ Idem p. 304.

¹⁶² Idem p. 312.

¹⁶³ Idem, p. 294.

inseridos na sua lógica de contrários, são inerentes e ativadores do processo criativo, sendo Satã a personificação mitológica do mal e símbolo da coabitação contraditória do ser e do não ser.

Por outro lado, o poeta pensador encara a ética como algo em evolução no mundo humano, onde só alguns (excepcionalmente) apresentam a consciência suficientemente desenvolvida e seletiva. Este facto influencia a própria estrutura orgânica, “se a consciência intervém na direção das nossas tendências, que podem ser várias ou uma em vários sentidos, para contrariar as más e auxiliar as boas, tal intervenção já se revela celularmente, no construir de órgãos purificadores dos elementos nocivos ou contrariantes do seu intuito que é viver.”¹⁶⁴

A inteligência deve ter como aliada a ideia moral. Se por um lado, o nosso poeta diz que o ato ético é a fusão do pensar e do sentir, já em outra parte do mesmo livro um tanto ambigualmente distingue entre fatalidade instintiva e inteligência. Esta última representa uma força do indivíduo, e o sentimento a força das massas que predomina nas sociedades sobre a opinião esclarecida do filósofo: “ Enquanto há vida, há, em luta acesa, dois princípios: o da fatalidade instintiva e o da liberdade inteligente. Que pode contra as massas um filósofo? Mas o filósofo não desanima até ao triunfo moral de cada ser.” ¹⁶⁵

Se Nietzsche disse *amai o remoto e não o próximo*, Pascoaes propõe *amar o próximo ao longe* com a justificação de que a influência do psiquismo alheio pode constituir um fator de perda de autonomia. Ódio e amor é que perfazem no quotidiano o inferno e o céu: “Estamos no céu e no inferno ao mesmo tempo. E por isso não sabemos distinguir os anjos dos demónios e praticamos, toda a casta de injustiças.”¹⁶⁶ Na nossa civilização ocidental, a doutrina Cristã representa um importante marco na implementação de um novo conceito ético, exemplificado por São Francisco de Assise a sua fraternidade alargada a toda a Natureza. O próprio Pascoaes afirma não ter, “qualquer prosápia antropológica” e não admite a Humanidade “como aristocracia ou

¹⁶⁴ Idem, p. 189.

¹⁶⁵ Idem, p. 275.

¹⁶⁶ Idem, p.259.

burguesia, nem os outros seres como plebe ou multidão de escravos. Pelo contrário considera-os muito franciscanamente irmãos.¹⁶⁷ De facto, o ideal ético e religioso no nosso autor é São Francisco como símbolo do Deus atuante e ativo em cada ser. A redenção da humanidade, passa pela redenção de cada ser: “uma injustiça ou mil injustiças, na balança do arcanjo, tem o mesmo peso. O rugido bovino e o grito humano significam a mesma dor. Deus não os distingue (...).¹⁶⁸ Considera Pascoaes que o homem teve uma importância absoluta, talvez devido á escravatura, e eclipsou, durante séculos os chamados animais inferiores. Mas segundo ele a “humildade cristã, em são Francisco de Assis, dilatou-se em amor universal. E o Cristo franciscano aparece-nos para além de pauliniano, como o Redentor infinito, porque onde estiver o ser humano, estão os outros seres (...) Cristo humanizou-se até ao último dos escravos e universalizou-se em Sº Francisco até á derradeira criatura”.¹⁶⁹

Todavia, há que diferenciar piedade e pietismo. Se o primeiro é ser fraterno ou irmão já o segundo significa “ter pena dos outros, como quem olha de cima para baixo, ou, do alto da sua alegria se compadece dum triste caminhante.”¹⁷⁰ Cabe ao homem despertar em toda a natureza esse lado ascensional e instaurar progressiva e efetivamente a fraternidade universal. No campo moral, o nosso autor diz “não haver crenças falsas ou verdadeiras, há-as fracas e fortes. Mas como decidir? O ideal seria fazê-lo segundo o conceito Kantiano de desinteresse. Há um certo interesse no desinteresse e vice-versa, tão raro é um sentimento simples (...).”¹⁷¹

Se nas primeiras obras o problema ético recai sobretudo na postura política, neste livro a ética é uma ciência que antecede em muito os problemas humanos devendo encontrar a explicação para este fenómeno na causa do próprio viver, pois como relembra Pascoaes: “Homem não é nenhum título nobiliárquico”.

¹⁶⁷ Idem, p. 317.

¹⁶⁸ Idem, p. 275.

¹⁶⁹ Idem, p.330.

¹⁷⁰ Idem, p. 105.

¹⁷¹ Idem, p. 122.

5. Pascoaes e Santo Agostinho

“A intuição de Agostinho descobriu que os fenómenos psíquicos se produzem no tempo”¹⁷²

Tal como Teixeira de Pascoaes, também Santo Agostinho se pode considerar um poeta-filósofo que ambicionou “iluminar de novo as cousas velhas”.¹⁷³ Mas apesar do perfil do biografado permitir a Pascoaes meditar sobre a condição humana e os temas centrais da humanidade, já presentes no “primeiro” Pascoaes, são vários os aspetos que distanciam o nosso autor do Catolicismo de Agostinho, como veremos neste “ensaio de antropologia teológica”.¹⁷⁴

Um dos temas tratados por Agostinho de Hipona é a questão do Bem e Mal, sendo o Mal concebido como uma privação de Ser (de substância ou Bem) com origem no *livre arbítrio*¹⁷⁵ da vontade - como ele próprio descreve, nas *Confissões*, ao meditar sobre a questão da origem do mal¹⁷⁶:

“Eis aqui Deus e eis as coisas que Deus criou, e é um Deus bom e perfeito e intensíssima e imensíssima superior a elas; (...) Mas então onde está o mal e donde e por onde aqui se insinuou? (Livro VII, 7).

¹⁷² Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p.61.

¹⁷³ Idem, p. 241.

¹⁷⁴ Pinharanda Gomes, Prefácio. In, Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 12.

¹⁷⁵ Santo Agostinho, *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*, Tradução e introdução de Paula Oliveira, edição bilingue, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 2001, p. 22.

¹⁷⁶ Santo Agostinho, *Confissões*, Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Sousa Pimentel, introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2ª edição bilingue, Lisboa 2004, pp. 277; pp.297-299.

“E observei as restantes coisas abaixo de ti e vi que em absoluto são, nem absoluto não são: na verdade são, porque procedem de ti mas não são aquilo que tu és.” (Livro VII, XI,17).

“(…) Logo ou a corrupção não causa dano, o que não é possível, ou, o que é certíssimo, todas as coisas que se corrompem são privadas de bem (...). Portanto, todas as coisas que são, são boas, e aquele mal, cuja origem eu procurava, não é substância, porque se fosse substância, seria um bem.” (Livro VII, XII,18).

Ora, sem fazer esta distinção, Pascoaes vai colocar Bem e Mal no mesmo plano ontológico. Diz ele que “o que existe é uma energia psíquica neutral (fatalidade inconsciente) que perde a neutralidade e é maléfica e benéfica.”¹⁷⁷ Consciente de que sempre acaba por “*fustigar os santos*”, ou melhor os dogmas católicos, como vimos anteriormente, na análise dos “comentários” às *Confissões* de Santo Agostinho, Pascoaes discorda da tese do Santo de que só o Bem como atributo Divino pertence ao Ser e o Mal é deficiência sem eficiência. Não aceita, quanto à origem do mal, a desresponsabilização de Deus.

Na demonstração acerca da existência de Deus Santo Agostinho diz que este está no cume da pirâmide ontológica como o maior dos seres e supremo Bem. Quanto a Pascoaes defende que é na dialética existencial - e na sucessão entre oposições - que Bem e Mal devem ser inseridos, significando o mesmo atuando em dois sentidos diferentes. Coloca-os, assim, repetimos, no mesmo plano ontológico, como se percebe através do exemplo que dá a propósito: “naquela ocasião que faz o ladrão e naquela que faz o santo. Mas o dualismo da ação não destrói a unidade do agente que permanece estranho aos seus modos e atitudes (...) contradizem a sua causa, que, independentemente dos seus efeitos e distante da nossa inteligência, simboliza o criador”¹⁷⁸.

Santo Agostinho – o Santo “perseguido” pela Tentação e pela Santa Mónica, “duas rivais, qual delas a mais formosa ou inquietante”¹⁷⁹, como ironiza Pascoaes – hesitou durante algum tempo entre o maniqueísmo e o dogma católico, acabando por se

¹⁷⁷ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p.166.

¹⁷⁸ Idem, pp. 176.

¹⁷⁹ Idem, p. 120.

render a este último mais por influência da mãe, Santa Mónica, do que por vontade própria. Depois de rejeitar o Maniqueísmo adota o Catolicismo e a concepção de Deus absoluto e alheio ao mal da Criação. A partir desta ideia aprofunda Pascoaes a sua própria ideia de um Deus que está além da Criação e além do bem e do mal - mas, *como Criador*, é atividade e metamorfose de si próprio, permanecendo transcendente e imanente na sua obra.

É assim que surge *O Amorfo ou Nebulosa negra* como energia psíquica neutral que ativando-se perde a neutralidade tornando-se benéfica ou maléfica. Processo semelhante, seguem as almas anteriores a si mesmas e ao bem e ao mal, surgidos depois de atualizadas em existentes e viventes na metamorfose universal. Refira-se que, por vezes, é difícil perceber se é Pascoaes quem “fala” apenas está a expor as teses Agostinianas como, por exemplo, quando diz: “a alma serve-se dum corpo, que ela escraviza; forma, com ele, o mesmo ser dependente e independente, mortal e imortal, pousando os pés na lama e os olhos para as estrelas”.¹⁸⁰

Agostinho de Hipona crê que a alma vivifica o corpo e que na relação alma-corpo o homem possui o livre-arbítrio, optando, pelo lado inferior que caracteriza como decaído na matéria, ou por ascender aos níveis espirituais. A *queda* não pode ser superada pela vontade mas pela Graça de Redenção. Cristo em Agostinho é o Mestre interno, presente em cada indivíduo e cuja voz interior não cessa de lembrar a condição espiritual.¹⁸¹

Pascoaes descreve Agostinho como um escritor-poeta, capaz de nos iludir e deslumbrar através das belas imagens literárias tais como esta frase agostiniana que ele cita no seu livro: “*sem luz não há alegria. Sem alegria não há luz*”, e a partir da qual elabora a sua própria convicção afirmando que a “luz de que nasce a alegria não é a mesma luz que nasce da alegria (...) Da alegria da luz e da tristeza da sombra é que é feita a nossa alma, essa borboleta com uma asa branca e outra escura. Se fossem ambas

¹⁸⁰ Idem p. 33.

¹⁸¹ Santo Agostinho, *Confissões*, Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Sousa Pimentel, introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2ª edição bilingue, Lisboa 2004, pp.297-299.

da mesma cor, a borboleta não voaria de flor em flor, ou de primavera em primavera...”¹⁸²

Não esqueçamos que o cosmos se concretiza no homem e que só o homem pode ser “um realizador de sonhos”. No percurso evolutivo começa por pairar a Sombra, ou seja, a tristeza saudosa (presente- ausente) na ambígua e paradoxal constituição do ser divino e cósmico, transfigurando-se posteriormente em alegria ou *luz* que também identifica ao *Bem* - contrariamente a Santo Agostinho. Paulo Borges identifica nesta posição a reafirmação de uma tese completamente oposta ao platonismo - em que a sombra é uma cópia distorcida do mundo visível ou sensível e não a Divindade - pois trata-se da “Sombra a que se refere nos primeiros poemas como a névoa, e que é sobretudo a própria Divindade, quer na sua transcendência abissal, quer no seu ser gerador do mundo.”¹⁸³

Agostinho defende ser possível conciliar a liberdade inerente à Criação com a Presciência divina, dado que o poder da vontade é previsto por Deus: “A vontade quer fatalmente; mas a inteligência pode orientá-la, ou tem a faculdade de escolha, afirma Santo Agostinho, separando, dum modo absoluto, a inteligência da vontade, e emprestando àquela, os atributos do divino”¹⁸⁴.

O erro desta afirmação, segundo Pascoaes, está na ideia de Divindade que o “subtil Agostinho” apresenta, certamente consonante com o contexto medieval mas pouco adequada à contemporaneidade filosófica e científica do nosso autor: “A ideia de Deus depende do conhecimento do universo e de nós próprios, num dado instante da vida humana”¹⁸⁵. Por isso, segundo este último, excetuando a questão da presciência, a liberdade é um assunto “complexo e discutido sempre. E quanto mais se discute mais se complica”¹⁸⁶. O *eu* não é um ente essencial, uno, simples e terminante, mas a síntese das várias formas de pensamento criadas no cérebro humano, à mistura com os instintos

¹⁸² Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 125.

¹⁸³ Paulo Borges, *Princípio e Manifestação*, op. cit. p. 90.

¹⁸⁴ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 153.

¹⁸⁵ Idem, p. 152.

¹⁸⁶ Idem, *Ibidem*.

ancestrais provenientes de um passado biológico. Daí as questões-afirmações de Pascoaes: “Não vamos todos a caminho do cinema ?”; “Quem não vê a Paixão através de Soror Mariana e o ciúme através de Otelo ?”¹⁸⁷.

Tal como a vida a liberdade também é relativa. E se o pensamento refletido (consciência crítica) supõe alguma liberdade, os pensamentos não refletidos (alma instintiva ou natural), pelo contrário, dominam, não permitindo atingir “nem a plena liberdade, nem a fatalidade completa.”¹⁸⁸

Agostinho separa Vontade e Inteligência e coloca esta última como informadora daquela. Quanto ao nosso poeta, na dinâmica existencial, põe todos os aspetos numa inter - relação e co-implicação, sem exclusão ou anulação. A Vontade que se prende com o desejo adveniente do *Princípio de excedência*, condiciona a liberdade e o avanço no percurso evolutivo, onde há retrocesso ou o ficar no mesmo sítio qualitativo, num futuro igual ao passado, e regresso ou a ascensão à glória perdida, revelando a dimensão quixotesca da própria condição humana - como sublinha Pascoaes, repetidamente: “Todas as nossas faculdades participam umas das outras, derivam do mesmo tronco e formam uma síntese ideal, que é o nosso eu consciente...” ; “...nunca se alcança o que se deseja, fica-se sempre aquém”; “A nossa força impele-nos; mas a nossa fraqueza nos retém”; “Não somos nem livres, nem felizes, nem verdadeiros”; “Eis a reação da fraqueza e a ação da força, ou o princípio negativo e o afirmativo, o mesmo princípio cindido em duas tendências contraditórias. A ação, como a reação é ainda bastante imprevista e inconsciente”; “Procedemos, de olhos semifechados, como semibrutos, pois a inteligência e a estupidez coexistem e a saúde e a doença, e interferem a cada instante, atenuando-se mutuamente”¹⁸⁹.

De facto, como vimos, não há coincidência com a solução agostiniana quanto à conciliação da Vontade universal com a Presciência divina. Para o nosso autor, a existência é ambígua e paradoxal, afirmativa – negativa, falsa – verdadeira, presente – ausente, numa trama de atividades e fenómenos, uma natureza instável e tensional, fundada no próprio ser divino e cósmico estende-se ao mundo e ao ser humano.

¹⁸⁷ Idem, pp. 152-153.

¹⁸⁸ Idem, p. 155.

¹⁸⁹ Idem, p. 157.

Nem o racionalismo maniqueísta, nem a certeza da crença na fé católica, percebem e admitem estas noções ou aceitam uma revisão das suas posições como seria desejável: “Temos de eliminar os conceitos escolásticos, as divisões fictícias, as definições arbitrárias, as linhas que separam isto daquilo e considerarmos a Existência no seu indefinido original para que ela se defina totalmente.”¹⁹⁰. É imperioso seguir o processo recreativo que se observa nos fenómenos e reformular os preconceitos gerados da inércia mental no quotidiano humano, sempre em busca do mistério ou enigma.

Demarcando-se da noção de *Nada* como pessimismo existencial em Agostinho, o nosso poeta faz equivaler ao Nada (ou Sombra) *Deus em si* - que paira como mistério a caminho de ser desvendado. Novamente nos parece aqui que as afirmações de Pascoaes se revestem, por vezes, de alguma ambiguidade - relativamente a outras feitas na mesma obra - quanto à ideia de *Sombra negra* (ou medo anterior a tudo) que agora faz corresponder à irracionalidade, *quase livre*, sendo que a “liberdade aumenta ou diminui conforme em nós predomina o poder emotivo ou consciente.”¹⁹¹

Como sabemos, a mais famosa esfinge da mitologia é celebrizada por Sófocles em *Édipo Rei*, ao ser derrotada pela sabedoria de Édipo face ao enigma humano. Pelo exposto, não é por acaso que para simbolizar este enigma Pascoaes vai escolher um figura mística, a esfinge egípcia - pondo na sua boca uma mensagem para os homens, no intuito de os levar à consciência da sua real (in)condição: “Interrogar-me eis o teu destino de criança, conhecer o espaço onde ocupas um metro, e o tempo a que roubas um minuto. Com esse metro medirás o incomensurável e com esse minuto o intemporal. Mísero falsificador da existência. O porquê? E o para quê? São perguntas sem resposta, felizmente, pois envolvem o planeta num mistério aureolante e inspirador do nosso espírito, esse rouxinol poético e mocho científico”.¹⁹²

¹⁹⁰ Idem, p. 242.

¹⁹¹ Idem, p. 159.

¹⁹² Idem, p. 244.

Conclusão

À frase, *Creio porque é absurdo*¹⁹³, Pascoaes prefere: *Creio porque é mentira*. O sonho é realidade e a realidade é sonho intimamente, reafirmando-se uma na outra¹⁹⁴. A *Existência* é a “eterna interrogação” que nos martiriza. Mas ela é apenas o reflexo fictício da Verdade ou de Deus-em-si. E o Universo ? Que é o Universo em última análise? O Universo, responde Pascoaes, não é senão o palco de um drama existencial marcado pelo paradoxo e ilusão, o absurdo, a *Divina comédia*, um ato lúdico Divino: “um absurdo ou fora do nosso entendimento (...) mas o absurdo torna-se calmo, se nos demormos a pensá-lo.” (...) ¹⁹⁵. “O absurdo torna-se calmo se...”, adverte Pascoaes. Afinal a mensagem é de esperança a lembrar que há sempre duas faces da mesma moeda mas é preciso saber lidar com elas. E ninguém melhor o sabe fazer do que o poeta – o poeta verdadeiro. É este um dos grandes ensinamentos de Pascoaes, num mundo que se apresenta sob três formas (física, biológica e psicológica) e onde qualquer ente (no mundo) denuncia o trânsito entre eles. Mas atenção, adverte o nosso autor, o Universo não é um mero arranjo mecânico de movimentos, em que os móveis se manifestam como resultantes da sua mobilidade própria. Nele intervém um Princípio Espiritual que, nos seres vivos, aparece dotado de maior ciência criadora: “Sim há um espírito transcendente e imanente, incriado e criador, uma lógica estrutural que sustenta o inanimado e o animado à tona do Sonho e vigília como duas faces da mesma moeda.”¹⁹⁶

Por isso, a História - que simboliza a força inspiradora da humanidade - não está nos “factos em si” mas, sim, implícita na ideia de uma intenção não perceptível ao homem comum. Isto significa que só o artista - sobretudo o poeta - lhe confere significação, ao desvelar-lhe a simbologia, ao mesmo tempo que reveste este drama

¹⁹³ Esta frase é atribuída a Tertuliano.

¹⁹⁴ Idem, p. 339.

¹⁹⁵ Idem, pp. 336- 338.

¹⁹⁶ Idem, ibidem.

íntimo à própria natureza das coisas. Ao encontro de Hegel¹⁹⁷ - para quem a História é a encarnação do Espírito e os Heróis a personificação e concretização do seu plano – também o poeta do Marão afirma que “os heróis entram na história nos períodos genésicos da mesma; e fogem para a lenda, nos períodos normais ou infecundos.”¹⁹⁸

Em jeito de “confissão”, Pascoaes reafirma-se ao longo das suas obras, mas particularmente em *Santo Agostinho*, a suma (auto) biográfica da sua maturidade, legítimo “herdeiro” do *Homem universal*, ou seja, do *Homem Adamico, desse espírito criador humanizado* na melhor qualidade – a qualidade de poeta: “em mim predominou sempre a mania de investigar a alma das coisas, ou essa aparição simbolizada nas aparências.”¹⁹⁹

Ao revisitar os seus principais temas fá-lo de uma forma próxima do aforismo e pautada de imagens mitopoéticas e simbólicas, como vimos, porque a linguagem poética é a que melhor mostra que a Existência e o Homem são marcados pela “desassossego” da caminhada e não pela chegada: “Um homem em paz consigo ou com os outros, é um cadáver ambulante, muito feliz ou extasiado na sua inércia moral.”²⁰⁰ Para Pascoaes, os dogmas paralisantes exigem um combate à inércia mental e moral, de acordo com a ideia Socrática: *Nosce te ipsum*,²⁰¹. Ou seja: o homem ao conhecer-se a si próprio abre caminho para o conhecimento do mundo que o rodeia, tornando-se a personalidade humana um “duelo entre o ser o não ser” e - neste movimento do não ser para o ser e vice-versa - é que “surpreendemos a aparição do homem e da própria Divindade”.²⁰²

A tese mostra, de facto, a importância do papel da subjetividade no conhecimento humano onde a inteligência tem como aliado a “lei moral”, defendendo

¹⁹⁷ G. W. F. Hegel, *Estética*, traduzido por Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino, Introdução Pinharanda Gomes, Guimarães Editores, Lisboa 1993, pp. XVII-XVIII.

¹⁹⁸ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op.cit. p.336.

¹⁹⁹ Idem, p. 25.

²⁰⁰ Idem, p. 335.

²⁰¹ Idem, p. 32.

²⁰² Idem, p. 336.

Pascoaes uma nova perspectiva gnosiológica, capaz de unir a racionalidade científica à intuição. Nesta, o paradoxo, a ilusão, a incerteza são parte integrante da dimensão física, biológica e psicológica da natureza (humana ou animal). O “drama” faz parte da natureza íntima das coisas. O poeta é, por direito próprio, o melhor intérprete desse “drama” ou “paradoxo”. O homem encontra-se em transição entre dois níveis distintos, “o homem carnal, foco darwiniano de instintos grosseiros e cruéis, sem consciência e um eu incapaz de reinterpretar o mundo, o *Homem* com letra grande, ou o espírito criador humanizado”.²⁰³ Cúmplice e centro de produção através do pensamento tem em si o poder de edificar ou destruir a vida planetária.

As civilizações denotam esta progressiva intelectualização, sendo a Filosofia, “a primeira e última palavra da Ciência, que de instintiva e genial, nos áureos tempos, tornou-se racionalista e inteligente. Outrora a Ciência dependia dela, agora é ela que depende da ciência verificadora de como se produzem os fenômenos. E destes, como demonstrado cientificamente, a Filosofia deduz ou tenta deduzir o porquê e para quê, tratando construir logicamente e firmada nos dados da experiência, o seu edifício moral social e religioso”²⁰⁴. Próprio da alma humana, “que é o imaterial inicial a intelectualizar-se a fim de se apropriar de si e do alheio, submetendo tudo a um exame crítico, ou seja, científico-filosófico”²⁰⁵, o conhecimento humano é relativo, impreciso e em mutação. Por isso, Pascoaes defende a importância de termos uma atitude de “vigilância” face ao pensamento e às ideias, situando aí o verdadeiro impulso de busca e progresso.

Por tudo isto, também a teologia de Pascoaes se vai fazer numa chamada de atenção para a “necessidade de sonho”.²⁰⁶ É sobre este pressuposto que elabora o seu original Ateoteísmo, e que se pode resumir nas palavras seguintes: “Que é Deus no espírito de um crente absoluto? Deus depende da luta entre os que o negam e os que o

²⁰³ Idem, p. 346.

²⁰⁴ Idem, p. 178.

²⁰⁵ Idem ibidem.

²⁰⁶ Sant` Anna Dionísio, *O Poeta essa Ave Metafísica*. In: Seara Nova, Lisboa, 1953, p. 98.

afirmam. Desta luta é que ele surge, afirmado e negado, dramático e vivo, como aparecido sobre a terra.”²⁰⁷

A metáfora da Divindade primordial personificada num *Deus a-teu* (que rejeita a sua condição Absoluta) representa o momento a partir do qual se gera a forma de vida universal. Neste processo de auto reconhecimento e recriação é o ato Divino e transgressor que permanece no múltiplo gerador de si próprio, adquirindo maior expressão no homem, ou seja, o ente que “imita” Deus - o “ateu perfeito”. É neste movimento Divino ateoteísta, fundador de teísmos e ateísmos²⁰⁸ que Pascoaes radica as especulações posteriores acerca da *Existência*, como vimos em *Santo Agostinho*: “Nem demonstramos o sim, nem o não da sua existência. Chegamos à negação afirmativa ou à afirmação negativa. A negação participa da afirmação e vice-versa, viver e morrer ser e não ser, crer e descrever representam o mesmo verbo duplamente ativo e contraditório e dum alcance universal. É o verbo dos ateoteístas descremos cremos (...)”.²⁰⁹

Em Teixeira de Pascoaes, a Saudade universal é a expressão máxima da memória criadora e unificadora, ou seja, a “teoria-síntese” na qual se edificam todas as outras grandes linhas teóricas com que tece o seu pensamento. Como vimos neste livro (*Santo Agostinho*) em particular, ela prende-se com a inacessibilidade do Divino à percepção humana que *procurando vê-o esconder-se* e ao tocar a sua presença sente a sua ausência. Daí o uso da expressão “divina comédia da saudade”²¹⁰ deixando antever a ideia de Jogo divino, cujo efeito se faz sentir como estímulo evolutivo, tornando-se o ateu/teísta neste processo aquele que toma em si o papel (ativo) de suscitar a renovadora discussão na busca daquilo que apenas se entremostra.

O Ateoteísmo de Pascoaes é sobretudo o visionar de um futuro religioso, em que a ideia de Divino se apresenta mais fiel á dialética existencial tal como a interpreta. Segundo ele, o devir existencial *oscila pendularmente* entre um Princípio e um Fim, impulsionado por três princípios basilares (excedência, identidade contraditória,

²⁰⁷ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. pp. 311-312.

²⁰⁸ Esta é uma das muitas expressões que Paulo Borges usa para se referir a este momento e que adotamos por a considerarmos uma das mais eficazes. Veja-se, Paulo Borges, *Princípio e Manifestação*, op. cit. p.68.

²⁰⁹ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op.cit. p. 304.

²¹⁰ Idem, p. 197; veja-se igualmente: pp. 311-312.

identidade incerta). Eles constituem a progressiva metamorfose cósmica, sujeitando a *Existência* a uma indefinição criadora, num percurso desde um imponderável inicial ou subnatural até um sobrenatural final ou espiritual. Tal indefinição exige, para o poeta de São João Gatão, uma nova perspectiva gnosiológica, capaz de unir a racionalidade científica à intuição, como referimos anteriormente e voltamos aqui a sublinhar pela sua importância, para uma compreensão omni-abarcante dos fenómenos, na medida em que mais do que um sim ou um não definitivos, o que há é *uma negação afirmativa ou afirmação negativa* acerca dos factos.

Em termos éticos, isto implica um efeito de tolerância, adveniente da compreensão e visão unitária dos fenómenos, uma vez que os contrários não se excluem ou se anulam, mas interagem, resultando num termo intermédio, como mal benéfico e bem maléfico.

No campo religioso, o ateísmo e teísmo humanos refletem esta dinâmica numa dialética co-implicação do crer e do descrer. O ateoteísmo pressupõe, “o mesmo verbo duplamente ativo e contraditório”.²¹¹ Este é também o fundamento do seu sentido neo-religioso na vertente histórica – cultural, e que aponta a necessidade de uma renovação dos conceitos que sem destruir o passado o reinterprete à luz de novas informações.

Deste pressuposto - e em diálogo com os postulados agostinianos - vai surgir uma heterodoxa interpretação do Cristianismo em duas direções convergentes: uma como momento singular dentro da evolução cósmica; outra, no acompanhamento da sua evolução histórico- cultural dentro das sociedades humanas. A primeira representa a metáfora inicial e refere o Cristianismo como o momento em que a Divindade toma consciência da sua obra. A segunda é a descrição deste facto antropomorfizado e reduzido aos limites conceptuais humanos ao longo da História.²¹²

Pascoaes não nega o Divino, antes o edifica numa profusão de imagens e símbolos que visam sobretudo a procura da nova palavra capaz de rasgar o silêncio do desconhecido, vinculando o homem a uma constante necessidade de o repensar, posição essa de que, segundo ele, abdicou o bispo de Hipona ao se converter ao catolicismo.

²¹¹ Idem, p. 304.

²¹² Idem p. 283.

Como vimos, Pascoaes não aceita a conversão de Santo Agostinho e diz mesmo que na véspera de se converter é que estava no rumo certo quando ainda pronunciava, “o verbo ateoteísta, *crendo descrendo*”²¹³, ou seja, e ainda por outras palavras, “Agostinho ao converter-se a uma crença deixou de se questionar acerca das coisas uma vez que obtém nessa crença todas as respostas de que precisa”. Depois de contextualizar o Santo dentro da sua época o século V, “ambiente saturado de eflúvios sentimentais, sonhos e devaneios”²¹⁴, responsabiliza essa ambiência pelo misticismo e profunda saudade pela *Infância* do Santo. Este termo em Pascoaes é prioritário e refere-se não só á infância própria de cada um, mas também, aquela outra que se liga ao nascimento do Cosmos no significado de “vida amanhecendo ou no seu ímpeto criado.”²¹⁵ Apesar de não subscrever inteiramente as *Confissões*, descreve –as como “um livro filosófico e místico, realista e poético, complexo e delicado,”²¹⁶ que distingue da *Suma* de Tomás de Aquino, que diz ser um retorno ao catolicismo sólido e pesado: “A Suma faz-nos transpirar e as Confissões voar”.²¹⁷

Encontramos em Santo Agostinho tal como em Pascoaes uma aproximação ao neoplatonismo. Étienne Gilson, um estudioso da filosofia medieval e do pensamento de Santo Agostinho, argumenta que o bispo de Hipona representa na Filosofia cristã o encontro entre a especulação filosófica grega e a crença religiosa cristã.²¹⁸ Por outro lado ainda, o nosso autor aproxima-se do neoplatonismo, na reabilitação da poesia e do poeta, no dinamismo recriador e transgressor da linguagem, no recurso à imagem metafórica para traduzir a relação Uno-Múltiplo. Podemos encontrar num autor como Damascio fórmulas expressivas semelhantes às de Teixeira de Pascoaes, segundo a análise de Jean Brun e de que citamos alguns exemplos: “No princípio único de tudo, é o incognoscível e o próprio Inefável, do qual não conhecemos senão a sua

²¹³ Idem, p. 304.

²¹⁴ Idem, pp. 105-107.

²¹⁵ Idem, p. 110.

²¹⁶ Idem, p. 106-107.

²¹⁷ Idem, Ibidem.

²¹⁸ Étienne Gilson, *Deus e a Filosofia*, Textos Filosóficos, edições 70, Lisboa, 2002, p. 50.

incognoscibilidade (...) ele é o profundo abismo. Face ao Uno o Múltiplo é feito de *nãos – uns*, simultaneamente separados e dependentes do Uno. Sem se dividir, sem sair da sua profunda indivisibilidade, o Uno produz o sistema de seres até á matéria”.²¹⁹

A busca da nova palavra capaz de levar o homem a outras amplitudes mentais e espirituais, e em que *Ideia e Palavra* são germinativas entre si, que vemos em Pascoaes, está também presente num autor neoplatónico como Proclo, segundo a análise de Cícero Bezerra: “Para Proclo o homem tem a oportunidade de ascender à Unidade final através de uma leitura adequada e numa progressão hierárquica que inclui, os sentidos, a imaginação, o discurso, a intuição, numa conversão através da leitura.”²²⁰ Todavia, Pascoaes afasta-se do neoplatonismo quanto à ideia (neoplatónica) de um Deus remoto e desconhecedor dos planos abaixo do seu, substituindo-o por um Deus também Criador-Redentor que personifica o próprio universo (ainda) em construção.

Pela abordagem que fizemos da obra Santo Agostinho, na segunda parte da tese, fica claro que a razão filosófica e científica encontra neste poeta-pensador português um campo sugestivo invulgarmente rico para as suas pesquisas, tendo em conta que as ciências humanas começam e se renovam sempre a partir do exercício especulativo. Remetendo para a atualidade, podemos verificar que muito do que Pascoaes antecipa é hoje reassumido no campo das exigências éticas e do discurso “ecológico e sustentável” quanto ao desenvolvimento de um mundo em “crise” a vários níveis. A título de exemplo, refira-se Hans Jonas (1903-1993), um historiador do pensamento gnóstico, pela sua reação metafísica a uma certa ideia (crítica) da “tecnociência” de certa forma idêntica à de Pascoaes. Sendo dos primeiros a desenvolver uma consciência filosoficamente elaborada dos problemas ecológicos é na sua obra mais famosa - intitulada *O Princípio Responsabilidade: uma ética para a civilização tecnológica*²²¹ - que Hans Jonas apresenta, tal como o nosso autor português, uma crítica à excessiva

²¹⁹ Jean Brun, *O Neoplatonismo*, tradução José Freire Colaço, edições 70, Lisboa, 1998, p. 98; Veja-se também: Damascius, *De L'ineffable et de L'Un*, texte établi par Leendert Gerit Westerink et traduit par Joseph Combès, Les Belles Lettres, Paris, 1986

²²⁰ Cícero Cunha Bezerra, *Mística e Literatura: Clarice Lispector à luz da Filosofia Neoplatónica Procleana*. In: *Entre Filosofia e Literatura*, coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio, Zéfiro, Sintra, 2011, p. 69.

²²¹ Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité: Une Éthique pour la Civilization Technologique*, traduit de l'allemand par Jean Greisch, 3^eème, Les éditions Du Cerf, Paris 1993, p. 14.

confiança dos homens nas tecnociências para resolução dos problemas. Ao trazer aos homens a ilusão de que se tornaram invencíveis e superiores ao restante mundo natural e animal, fê-los crer que podem dispensar “todos os suportes metafísicos e ontológicos.”²²² Desta maneira, esvaziaram a vida de sentido numa combinação de niilismo e tecnociência desregulada que faz perigar o planeta, o que o leva a propor uma *heurística de medo*²²³, ou seja, uma atitude ética e responsável de antecipação e expectativa dos maiores perigos, como forma de os evitar. Trata-se aqui do famosos princípio da precaução, como sabemos.

Finalmente, a importância no nosso autor também se patenteia pela influência que teve na heterodoxa vertente do pensamento ético e metafísico português contemporâneo, colaborando para as principais discussões neste contexto como o são; a relação entre a dialética filosófica e a ética como fim último de toda a reflexão; o papel da subjetividade e da objetividade no conhecimento humano; e a polémica acerca do dualismo ou monismo, da matéria e espírito. Questões a que imprime um sentido próprio e integrativo das diferenças. Indo muito além da campanha do saudosismo dos primeiros escritos, pelo qual é geralmente conhecido, neste livro levou-nos numa viagem por mundos conceptuais, que são afinal também o nosso mundo numa outra amplitude. Talvez por isso, Pascoaes não seja fácil de encaixar nas diversas correntes filosóficas. No entanto, o seu objetivo não é ser “orgulhosamente só”. Pelo contrário, assistimos à sua tentativa de estabelecer sempre um diálogo frutífero com a Ciência, a Arte, e a Filosofia do seu tempo, acreditando que é na interdisciplinaridade que se encontra a unidade e o sentido, a verdadeira razão de tudo existir. Não se assumindo em nenhuma área específica, prevê no entanto, uma nova e unificadora perspectiva do conhecimento humano que terá repercussão em todos aspetos da vida planetária, talvez

²²² Idem p. 283.

²²³ “Cela je l’appelle « heuristique de la peur », seule la prévision de la déformation de l’homme nous fournit le concept de l’homme qui permet de nous en prémunir”, Idem, p. 13.

porque como ele crê: “Não há vida nem morte, nem luz, nem trevas, nem mal, nem bem, mas qualquer coisa que vive e morre, que é luminosa e escura, boa e má, não por índole própria mas devido a circunstâncias imprevistas num dado lugar e num instante. Essa qualquer coisa escapa-se à nossa apreensão e compreensão; talvez seja um quase nada.”²²⁴

²²⁴ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, op. cit. p. 196.

BIBLIOGRAFIA

Agostinho, Santo, *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*, tradução e introdução de Paula Oliveira, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2001 (ed. Bilingue).

-----, *Confissões*, tradução e notas de A.E. Santo, J. Beato, M.C.C.-M.S. Pimentel, introdução de M.B.C. Freitas, notas de âmbito filosófico de M.B.C. Freitas e J.M.S. Rosa, (Estudos Gerais. Série universitária) IN-CM, Lisboa, 2000 (ed. Bilingue).

Alves, Ângelo, O Ateo – teísmo de Teixeira de Pascoaes: Indecisão, Retórica ou Aprofundamento, in *Revista da Faculdade de Letras da Faculdade do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004), pp. 187-199.

Blanc, Mafalda de Faria, Henologia e Constituição Espiritual do Princípio, in *Philosophica*, nº 19/20, Abril-Novembro, Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 311-342.

Borges, Paulo, Deus Existe com Efeito para si Próprio; Mas Deus está Enganado, in *Philosophica*, Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, pp. 19-49.

....., Deus e Manifestação em Guerra Junqueiro, in *Guerra Junqueiro e a Modernidade (Atas do Colóquio)*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1998.

....., Deus e Manifestação em Guerra Junqueiro, in *História do Pensamento Filosófico Português*, volume IV, tomo 1, Lisboa, 2004, pp. 195-210.

....., Nada I-lusão e Metamorfose: Da Imperfeição do Deus Criador à Criação/Revelação de um Novo/ Eterno Deus – Teogonia, Teurgia e Ateoteísmo em Teixeira de Pascoaes, in *Nova Renascença*, inverno/verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 439- 469.

....., *Princípio e Manifestação, Metafísica e teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, 2 volumes, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2008.

....., Um Mundo como Bailado Carnavalesco; Ilusão e Criação em Teixeira de Pascoaes, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004), pp. 117-142.

Brun, Jean, *Le Néoplatonisme*, PUF, Paris, 1998.

Bruno, Sampaio, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Lello & Irmão Editores, Porto, 1902.

Calafate, Pedro, *História do Pensamento Português*, volumes IV e V, Coordenação Manuel Pimentel, Caminho, Lisboa, 2004.

Carvalho, Mário Santiago, O Santo Agostinho de Pascoaes, in *Nova Renascença*, inverno/verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 317 – 332.

Coimbra, Leonardo, A Razão Experimental, notas sobre a Abstração Científica e o Silogismo, in *Obras Completas de Leonardo de Coimbra V*, prefácio de Delfim Santos, Livraria Tavares Martins, Porto, 1958.

....., Guerra Junqueiro, in *Renascença Portuguesa*, Porto, 1923.

....., O Criacionismo, volume II, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio, Lello & Irmão Editores, Porto, 1983.

Coutinho, Jorge, O Panteísmo Pascoaesiano, in *Nova Renascença*, inverno/verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 185 - 197.

....., *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes*, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1995.

Damascius, *De L'ineffable et de L'Un*, texte établi par Leendert Gerrit Westerink et traduit par Joseph Combès, Les Belles Lettres, Paris, 1986.

Darwin, Charles, *A origem das espécies*, Editorial Verbo, Lisboa, 2011.

Dionísio, Sant'Anna, O Poeta essa Ave Metafísica, in *Seara Nova*, Lisboa, 1953.

Farias, José Jacinto Ferreira, *A Ascensão Poética e a Unidade com o Divino. Um Ensaio Teológico sobre a Saudade em Teixeira de Pascoaes*, in *Nova Renascença*, inverno /verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 293 – 304.

Ferreira, João, *O Lado Gnosiológico da Catábase Saudosista em Teixeira de Pascoaes*, in *Nova Renascença*, inverno/verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 617- 626.

Franco, António Cândido *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*, Temas Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2000.

....., *Notas sobre a Complexidade de Teixeira de Pascoaes*, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI, Porto, 2004, pp. 217-224.

Freud, Sigmund, *Textos essenciais da psicanálise*, vol. I-II, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1989.

Gama, Manuel, *Criação e Redenção em Teixeira de Pascoaes*, in *Nova Renascença*, inverno /verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 305 – 315.

Garcia, Mário, *Um olhar sobre Pascoaes*, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2000.

Gilson, Étienne, *Deus e a Filosofia*, tradução portuguesa de Aida Macedo, Edições 70, Lisboa, 2002.

Grange, Juliette, *Comte*, Ellipses, "Philo-philosophes", Paris, 2006.

Gilson, Étienne, *Introduction à l'étude de S. Augustin*, (Études de philosophie médiévale, 11), J. Vrin, Paris, 1969.

Hegel, G. W. F., *Estética*, tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino, Introdução de Pinharanda Gomes, Guimarães Editores, Lisboa, 1993.

Inverno Catarina, *Da Res Publica Pessoaana, uma colagem de fragmentos*, in *Nova Aguiã*, nº 6, Zéfiro, Sintra, 2010.

Jonas, Hans, *La Religion Gnostique. Le message du Dieu Étranger et les débuts du christianisme*, traduction de l'anglais par Louis Évrard, Flammarion, Paris, 1978.

....., *Le Principe Responsabilité; Une Éthique pour la Civilisation Technologique*, traduit de l'allemand par Jean Greisch, 3^a édition, Les éditions Du Cerf, Paris, 1993.

Kuhn, Thomas, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Guerra&Paz, Lisboa, 2009.

Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, 6^a edição, Gradiva, Lisboa, 2009.

Marinho José, *Teixeira de Pascoaes. Poeta das Origens e da Saudade*, vol.VI, edição de Jorge Croce Rivera, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

Muglioni, Jacques, *Auguste Comte: un philosophe pour notre temps*, Kimé, Paris, 1995.

Natário, Maria Celeste, *Teixeira de Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica*, 1^a edição, Zéfiro, Sintra, 2010.

....., Teixeira de Pascoaes, Entre a Terra e o Céu, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004), pp. 159- 163.

....., Da Saudade em Pascoaes o Poeta da Natureza, in *Sobre a Saudade*, organização, António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Renato Epifânio, 1^a edição, Zéfiro, Sintra, 2012.

Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra*, Guimarães Editores, 2010.

Pascoaes, Teixeira, *Arte de ser Português*, apresentação de Miguel Esteves Cardoso, Assírio & Alvim, Lisboa, 2007.

....., *As sombras*, (À ventura, Jesus e Pã), Assírio & Alvim, Lisboa, 1996.

....., *Duplo Passeio*, in *Obras Completas*, Volume X, organização de Jacinto Prado Coelho, Bertrand, Lisboa, 1975.

....., *Os Poetas Lusíadas*, notas de Mário Cesariny, Assírio & Alvim, Lisboa, 1987.

....., *Santo Agostinho*, introdução de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1995.

....., *O Homem Universal*, notas de Pinharanda Gomes, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993.

Patrício, Manuel Ferreira, O Pensamento Antropológico de Teixeira de Pascoaes, in *Nova Renascença*, inverno /verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto ,1997, pp. 21- 48.

Pereira, Paula Cristina, A Experiência Estética ou Realidade Humanizada, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004), pp. 103- 116.

Pessoa Fernando, *Textos Filosóficos*, notas e prefácio de António Pina Coelho, Edições Ática, Lisboa, 1968.

Pimentel, Manuel Cândido, Teixeira de Pascoaes. Uma Metafísica da Ambiguidade, in *Nova Renascença*, inverno/verão, vol.XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997, pp. 199 - 215.

Piñero, António, *O livro Secreto de João e outros textos Gnósticos*, 3 volumes, 2ª Edição, tradução de Luís Filipe Sarmiento, Esquilo, Lisboa, 2005.

Platon, *Parménide*, Oeuvres complètes, tome VIII, 1ª partie, traduction par Auguste Diés, 3ème édition revue et corrigée, Éditions Les Belles Lettres, Paris 1956.

Proclos, *Elements de théologie*, traduction et introduction par Jean Trouvillard, Aubier, Paris, 1965.

Quadros, António, *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos últimos 100 anos*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1989.

Rampnoux, René, *Histoire de la pensée occidentale: De Socrate à Sartre*, Ellipses, "Hors collection", Paris, 2010.

Samuel, Paulo, *A Renascença Portuguesa – Um Perfil Documental*, 1ª edição, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1990.

Sardoeira, Ilídio, *Ciência Filosófica e Homens, Studium Generale*, Atas do I colóquio de Estudos Filosóficos, vol. VIII, tomo 1º, Porto, 1959.

Seixas, M. da Cunha, *Philosophia*, obras póstumas, notas de Eira Deusdado, Imprensa Lucas, Lisboa, 1898.

Soveral, Eduardo Abranches, Sobre o Pensamento Político de Teixeira de Pascoaes, In *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004), pp. 209-216.

Teixeira, António Braz, *Deus, o Mal e a Saudade*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993.

....., *O Essencial sobre a Filosofia Portuguesa (séc. XIX e XX)*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2008.

....., Em Torno da Metafísica da Saudade de Teixeira de Pascoaes, In *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004, pp. 13- 26.

Revistas

AA. VV., *Entre Filosofia e Literatura, Ciclo de Conferências*, organização de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio, Prefácio de Manuel Ferreira Patrício, 1ª edição, Zéfiro, Sintra, 2011.

AA. VV., *Filosofia da Saudade*, coleção Pensamento Português, seleção de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1986.

AA. VV., *Philosophica*, Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2002.

AA. VV., *Philosophica*, Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.

AA. VV., *Nova Águia*, nº 6, Zéfiro, Sintra, 2010.

AA. VV., *Nova Renascença*, inverno/verão de 1997, volume XVII, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1997.

AA. VV., *Os 100 Anos D`Águia e a Situação Cultural de Hoje*, Nova Águia, nº 5, 1º Semestre, direção de Maria Celeste Natário, Paulo Borges, Renato Epifânio, Zéfiro, Sintra, 2010.

AA. VV., Teixeira de Pascoaes. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, série de Filosofia, XXI (Porto 2004).

AA. VV., *Sobre a Saudade*, coordenação de António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Maria Celeste Natário, Renato Epifânio, 1ª edição, Zéfiro, Sintra, 2012.